

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

LUCIANA CECÍLIA ARAÚJO NASCIMENTO

Bibliotecas de museus universitários: reflexões sobre missão e  
atuação na Universidade de São Paulo

São Paulo

2022

LUCIANA CECÍLIA ARAÚJO NASCIMENTO

Bibliotecas de museus universitários: reflexões sobre missão e  
atuação na Universidade de São Paulo

Versão original

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de  
Informação e Cultura da Escola de  
Comunicações e Artes da  
Universidade de São Paulo

Orientadora: Profa.Dra. Asa Fujino

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo  
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

---

Nascimento, Luciana Cecília Araújo  
Bibliotecas de museus universitários: reflexões sobre  
missão e atuação na Universidade de São Paulo / Luciana  
Cecília Araújo Nascimento; orientadora, Asa Fujino. -  
São Paulo, 2022.  
89 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Departamento de Informação e Cultura / Escola de  
Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.  
Bibliografia

1. Biblioteca de museu. 2. Museus universitários. I.  
Fujino, Asa . II. Título.

CDD 21.ed. - 020

---

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

Nome: NASCIMENTO, Luciana Cecília Araújo

Título: Bibliotecas de museus universitários: reflexões sobre missão e atuação na Universidade de São Paulo.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de  
Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para  
obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Data de aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/ 2022

**Banca examinadora**

\_\_\_\_\_  
Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Quero deixar meu mais profundo agradecimento aos meus pais pelo apoio e compreensão, e por sempre me lembrarem do privilégio que é poder estudar.

À Ju, minha irmã, com quem dividi o mesmo teto desde que vim morar em São Paulo e que viu, mais do que ninguém, as idas e vindas do meu ímpeto em finalizar o curso. Obrigada pela parceria, paciência e incentivo.

À professora Asa Fujino, minha orientadora, que com todo acolhimento e paciência tornou possível este trabalho.

De todas as coisas boas que estudar na ECA-USP me proporcionou, sem dúvida alguma, entre as melhores, estão a amizade da Deborah Dias, Hadassa Itepan, Gabriela Mazza, Daiani Panini, Mayara Aranha, Jéssica Chimatti, Rebecca Martins e tantas outras que me alegram compartilhar a existência.

Quero fazer um agradecimento especial à Deborah Dias (minha querida Debyh) que me acompanhou de um jeito incrível nessa reta final, compartilhando as angústias de fazer um TCC em meio a uma pandemia e não me fazendo desistir.

Meu muito obrigado também às minhas amigas de sempre, Camila Barbosa, Barbara Dias, Jaqueline Ramos e Cristiane Oliveira pelo apoio e pela escuta sempre amorosa e paciente.

À Universidade de São Paulo, universidade pública da qual sinto imenso orgulho em ter como ambiente de trabalho e estudo, desde 2007, meu agradecimento pelas várias bolsas que recebi durante esse período, pelos professores maravilhosos que tive a honra de ouvir nesse caminho e pelo sempre bom e revigorante verde que embeleza meus dias e acalenta minha alma.

## RESUMO

NASCIMENTO, Luciana Cecília Araújo. **Bibliotecas de museus universitários: reflexões sobre missão e atuação na Universidade de São Paulo**. 2022. \_\_f. Trabalho de Conclusão de Curso - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Essa pesquisa analisa a missão e a atuação das bibliotecas de museus universitários com o objetivo de traçar um panorama do trabalho desenvolvido por elas, visando demonstrar a sobreposição do que é proposto nos documentos oficiais, com o que, de fato, é desenvolvido. Para isso, foi realizada uma revisão de literatura a fim de recuperar os conceitos de museu, museu universitário, biblioteca e biblioteca universitária, além de estudos de casos que tiveram como objetos os museus estatutários da Universidade de São Paulo e suas bibliotecas. O estudo se deu com base na análise de documentos oficiais contendo dados relativos à missão, aos objetivos e aos serviços oferecidos, bem como ao desempenho das atividades realizadas no ano de 2019 por tais instituições. Foi possível constatar que as referidas bibliotecas não apresentam uma atuação efetiva que se relacione diretamente com a realização da diversidade de funções dos museus universitários, apontando a necessidade de repensar sua atuação nesses ambientes.

Palavras-chave: Biblioteca de museu. Biblioteca universitária. Museus universitários.

## ABSTRACT

NASCIMENTO, Luciana Cecília Araújo. **Libraries from university museums: reflections on mission and operation at University of São Paulo**. 2022. \_\_p. Undergraduate Thesis – School of Communications and Arts, University of São Paulo, São Paulo, 2022.

This research analyzes the mission and performance of university museum libraries with the objective of providing an overview of the work developed by them, aiming to demonstrate the overlap between what is proposed in official documents, with what, in fact, is developed. For this, a literature review was carried out in order to recover the concepts of museum, university museum, library and university library, as well as case studies that had as objects the statutory museums of the University of São Paulo and its libraries. The study was based on the analysis of official documents containing data related to the mission, objectives and services offered, as well as the performance of activities carried out in 2019 by such institutions. It was possible to verify that these libraries do not present an effective performance that is directly related to the realization of the diversity of functions of university museums, pointing out the need to rethink their performance in these environments.

Keywords: Museum library. University library. University museum.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	9
1.2 HIPÓTESE	10
1.3 OBJETIVOS	10
1.3.1 Objetivo geral	10
1.3.2 Objetivos específicos	11
1.4 JUSTIFICATIVA	11
<b>2 METODOLOGIA</b>	<b>12</b>
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>13</b>
3.1 UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA	13
3.2 MUSEU: PANORAMA HISTÓRICO, DEFINIÇÃO E ORGANIZAÇÕES	15
3.2.1 História	15
3.2.1.1 O museu no Brasil	17
3.2.2 Organizações	21
3.3 O MUSEU UNIVERSITÁRIO	25
3.4 BIBLIOTECA: PANORAMA HISTÓRICO, DEFINIÇÃO E ORGANIZAÇÕES	30
3.4.1 História	30
3.4.1.1 A biblioteca no Brasil	32
3.4.2 Organizações	33
3.5 A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA	33
<b>4 OS MUSEUS ESTATUTÁRIOS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO</b>	<b>36</b>
4.1 MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA	40
4.1.1 Biblioteca Lourival Gomes Machado	42
4.2 MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA	43
4.2.1 Serviço de Biblioteca e Documentação do MAE-USP	47
4.3 MUSEU PAULISTA	48
4.3.1 Biblioteca do Museu Paulista	50
4.4 MUSEU DE ZOOLOGIA	51
4.4.1 Biblioteca do Museu de Zoologia	54
<b>5 AGÊNCIA USP DE GESTÃO ACADÊMICA</b>	<b>55</b>
<b>6 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS</b>	<b>56</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>81</b>

<b>8 LIMITAÇÕES DA PESQUISA E PERSPECTIVAS FUTURAS</b>	<b>84</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>86</b>

## INTRODUÇÃO

Refletir sobre o que é biblioteca, sua atuação e seu impacto social é tarefa constante na Biblioteconomia, - visto que a biblioteca ainda se constitui como uma das suas principais manifestações institucionais - rendendo uma gama de fatores que balizam a atualização de seus conceitos, a revisão crítica de suas práticas e a projeção de seus novos desafios, de modo a fomentar, portanto, a evolução da área em termos teóricos e práticos.

É com base no processo de revisão da literatura da área e na análise de casos que esta pesquisa buscou refletir sobre a missão e atuação das bibliotecas de museus universitários, considerando suas especificidades e missão no ambiente da universidade, de maneira a analisar suas atividades e cotejar com os pilares básicos que sustentam a atuação da universidade em relação à pesquisa, ensino e extensão.

A partir desse processo de análise, pretendeu-se apreender o que é a biblioteca de museu universitário hoje e as possíveis lacunas existentes nas suas respostas às demandas da comunidade.

Para tanto, compreender os conceitos de universidade, de museu e de biblioteca, bem como conceitos relacionados, por exemplo, o de processo curatorial, mediação, educação patrimonial entre outros, foi necessário para construção de uma base teórica para que a partir dela a concepção de biblioteca de museu universitário se tornasse clara e, assim, fundamentasse as análises dos casos e uma proposição de ações para que sua atuação seja significativa nos ambientes universitários.

### 1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Sendo o museu universitário uma estrutura sistêmica, tanto em relação às suas divisões internas quanto à sua participação no sistema maior que é a universidade, como se dá a atuação de sua biblioteca no que tange à inserção nas atividades da instituição?

Em que medida a biblioteca de um museu universitário se diferencia das demais bibliotecas universitárias? Quais demandas vindas da especificidade museal são percebidas e atendidas por meio de novas políticas e serviços?

## 1.2 HIPÓTESE

Partimos da hipótese de que as bibliotecas de museus universitários, ainda que enquadradas na estrutura da universidade, não têm suas especificidades consideradas quando do estabelecimento de políticas bibliotecárias, uma vez que a universidade tende a homogeneizar os parâmetros de organização e conduta, de modo a abranger o conjunto de suas bibliotecas, cuja maioria se caracteriza por pertencerem a unidades de ensino e pesquisa, enquanto que museus atuam em contextos diferenciados e com maior diversidade de público.

Soma-se a isso, o fato de haver poucos trabalhos que reflitam e proponham políticas específicas para bibliotecas de museus, deixando-as com a responsabilidade de se auto avaliarem e se adaptarem aos seus contextos de maneira individualizada e não necessariamente a partir de protocolos acadêmicos que orientem atividades coletivas e que considerem as particularidades de seus usuários potenciais, que compreendem o público visitante do museu, o participante das atividades educativas e de formação profissional, além dos pesquisadores e docentes do quadro dirigente do museu.

## 1.3 OBJETIVOS

### 1.3.1 Objetivo geral

Analisar a missão e atuação das bibliotecas de museus universitários, a fim de traçar um panorama do trabalho desenvolvido por elas, considerando parâmetros como o objeto museal da unidade analisada e suas relações com o acervo, tratamento e organização, público atendido, serviços prestados, etc;

### 1.3.2 Objetivos específicos

Identificar similaridades e diferenças de atuação das bibliotecas de museus na Universidade de São Paulo (USP) a partir de suas respectivas missões; identificar a existência de estudos de usuários nas bibliotecas e o perfil dos potenciais usuários de cada museu, considerando o público interno e o externo; elencar as atividades da instituição direcionadas aos usuários potenciais da biblioteca; identificar políticas de desenvolvimento de acervo, organização e tratamento da informação e serviços prestados pela biblioteca.

## 1.4 JUSTIFICATIVA

A biblioteca é guiada fortemente por aquilo que estabelece como missão, tendo por base a sua função de dispositivo social de informação e cultura, e sua atuação na mediação entre indivíduos e a informação. Todas as suas políticas são construídas a partir de diretrizes definidas de acordo com a sua missão, e suas escolhas e ações são, por sua vez, feitas tendo como parâmetros tais políticas.

Ou seja, o que a biblioteca entende sobre o que ela é e sobre qual a sua missão é fundamental para a sua ação prática, por isso é tão essencial acompanhar a evolução das pesquisas na área e em paralelo realizar diagnósticos sobre o que é efetivamente aplicado.

No caso desta pesquisa, foi justamente observando a missão da biblioteca do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP e suas políticas, e pensando na relação delas com as do Museu, que surgiu a necessidade de entender essa relação e o possível impacto da hierarquia institucional tanto na atuação da biblioteca quanto na do museu. Complementarmente, percebemos que cada biblioteca apresenta sua especificidade em relação à atuação e prestação de serviços voltados à comunidade interna e externa, de modo que surgiu a necessidade de entendermos a biblioteca dentro do seu contexto institucional.

Assim, compreender, por meio de exemplos reais, a organização e atuação das bibliotecas de museus universitários se justifica como meio de mobilizar o conhecimento da área em prol de análises e sugestões que possam contribuir para a requalificação e ressignificação dessas bibliotecas no contexto contemporâneo da cultura e da informação de modo a fazer da gestão informacional e da mediação cultural algo que efetivamente faça a diferença no papel social de instituições gestoras de patrimônio cultural, promotoras de cultura, educação e pesquisa.

## **2 METODOLOGIA**

A pesquisa é de caráter exploratório e fundamentada em três etapas:

a) levantamento bibliográfico, seleção e revisão de literatura:

- Partindo de levantamento bibliográfico, foi realizada uma seleção de textos e, por meio deles, uma revisão de literatura sobre os conceitos de museu, de museu universitário, de biblioteca e de biblioteca universitária, identificando seus contextos de surgimento, suas organizações, formas e áreas de atuação de modo a contribuir na construção de um histórico e perfil das bibliotecas de museu universitário.

b) estudos de caso:

- Foram identificados quatro museus na Universidade de São Paulo e procedeu-se à análise documental e coleta de dados sobre missão, perfil do potencial usuário e atuação das bibliotecas dos museus estatutários da USP, visando estudo comparativo entre elas. Foram avaliados dados das atividades realizadas para atendimento à comunidade pelos referidos museus no ano de 2019, anteriores ao início da pandemia, uma vez que a partir de

2020 muitas atividades foram suspensas em função da necessidade de distanciamento social, em obediência às orientações sanitárias para controle da pandemia da COVID-19.

c) análise e discussão dos resultados:

- Análise e discussão crítica dos resultados obtidos a partir dos dados coletados, dando especial atenção àqueles dados que possam contribuir para o entendimento dos problemas e para a promoção de soluções.

### **3 REFERENCIAL TEÓRICO**

#### **3.1 UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA**

Para que seja possível uma exposição clara e pertinente da problemática que orienta esta pesquisa, é fundamental a contextualização teórica que a sustenta e o desenvolvimento lógico que trouxe à tona perguntas resultantes da associação de biblioteca e museu universitário representada na figura dúbia da biblioteca de museu universitário.

Segundo Johanna Smit (2000), Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia são como três irmãs que, apesar de irmãs, desconhecem o que cada uma faz, ou seja, as funções profissionais, os princípios teóricos e as metodologias de trabalho são mutuamente ignoradas, fazendo com que pareçam ser muito mais diferentes que semelhantes. Smit as denominou de 3 Marias, denominação esta que também será usada nesta pesquisa ao expor as diferenças e semelhanças entre as três.

A diferenciação entre as 3 Marias foi por muito tempo calcada na questão do acervo, desdobrando-se na atuação e formação profissional, bem como no tipo de instituição onde os seus profissionais atuam.

No imaginário profissional coletivo estocam-se livros e periódicos em bibliotecas, objetos em museus e documentos gerados

pelas administrações em arquivos. Simplifica, pois, de forma caricata o imaginário, pretendendo resumi-lo ao essencial. Em outros termos, a diferenciação se apoia na distinção de tipos e suportes documentais, metodologias de organização decorrentes desta distinção e, finalmente, supõe o trabalho de organização da informação sempre adequado aos objetivos institucionais, fechando o círculo vicioso. (SMIT, 2000, p. 28)

Já os aspectos que as agregam têm mudado de acordo com as demandas sociais decorrentes das transformações tecnológicas na área da comunicação, no progressivo aumento da produção científica e no maior valor dado ao acesso à informação propriamente dita.

Assim, o elo comum que antes era resumido ao fato de as 3 Marias compartilharem as mesmas atividades de coleta, estoque e disponibilização de documentos, passou a ser o de todas lidarem com processamento e disponibilização de conteúdo/informação para um dado usuário. Tal mudança revela os novos paradigmas que passaram a se delinear: os paradigmas do conteúdo/informação, da função da informação e do perfil do usuário.

Informação passou, portanto, a se descolar da ideia de suporte, ganhando papel fundamental nas três áreas, como também se tornando objeto central da Ciência da Informação. Tal importância fez necessária a formulação de um conceito de informação mais específico e inserido na dinâmica de mediação com o usuário.

Como informação é um termo de semântica bastante flexível, vários estudiosos se debruçaram para formular um conceito que se adequasse às áreas, uma dessas formulações é a de Smit e Barreto, e será essa a adotada nesta pesquisa.

Informação - estruturas simbolicamente significantes, codificadas de forma socialmente decodificável e registradas (para garantir permanência no tempo e portabilidade no espaço) e que apresentam a competência de gerar conhecimento para o indivíduo e para o seu meio. Estas estruturas significantes são estocadas em função de um uso futuro, causando a institucionalização da informação. (SMIT; BARRETO, 2002, p. 21)

Essa mudança de paradigma fez com que arquivos, bibliotecas e museus se aproximassem, alinhando-se na relação informacional-cultural-educativa com o usuário por meio da informação em seus variados suportes.

A ênfase no usuário não desconhece o documento, mas subordina sua importância à função ou à utilização da informação. Em outros termos, inverteu-se o peso relativo dos dois extremos do processo, da "entrada" para a "saída". Neste quadro, se a ênfase no documento perde espaço para a ênfase no usuário, a distinção das instituições baseada nos documentos deixa de ser procedente. (SMIT, 2000, p. 30)

Essa diluição das fronteiras que demarcam a atuação de cada uma das 3 Marias é fundamental para a compreensão da importância que passou a ter o usuário, já que o usuário da informação, ou seja, o usuário de interesse das 3 Marias, tem uma necessidade informacional que não necessariamente será preenchida por apenas uma delas, uma vez que “a necessidade informacional não se enuncia, na maior parte dos casos, em termos exclusivamente ‘arquivísticos’, ‘biblioteconômicos’ ou ‘museológicos’, mas em termos de uma ‘informação’ que exige buscas”. (DERVIN; NILAN, 1986 apud SMIT, 2000, p. 30)<sup>1</sup>

Partindo do exposto e passando ao recorte que engloba biblioteca e museu, fica mais claro compreender o grau de compartilhamento de elementos básicos que existe entre esses dois dispositivos, fazendo com que se torne evidente a perda que uma dissociação na prática entre os dois pode provocar.

Para alicerçar melhor a exposição da situação-problema aqui trabalhada, é importante desenvolver a ideia de museu universitário e a de biblioteca universitária, instituições complexas que seguem modelos cujos objetivos são bem consolidados, mas ainda timidamente interseccionados.

## 3.2 MUSEU: PANORAMA HISTÓRICO, DEFINIÇÃO E ORGANIZAÇÕES

### 3.2.1 História

O termo museu, oriundo do grego *mouseion*, “casa das musas”, tem uma trajetória marcada por adaptações a condicionantes históricos e sociais, bem como às

---

<sup>1</sup> DERVIN, B.; NILAN, M. Information needs and uses. **Annual Review of Information Science and Technology**, v. 21, p. 3-33, 1986

reflexões realizadas pelo próprio campo museal acerca de seu papel na sociedade. Como observado por Bruno (2011).

É uma história que remonta à antiguidade e de forma sistemática e ininterrupta está integrada à trajetória das sociedades desde o século XVII, documentando diversos processos de demolição e reinvenção de paradigmas. Os museus são, portanto, instituições do seu tempo, visíveis aos seus contemporâneos e sempre servindo a causas de sua época. (BRUNO, 2011, p.31)

O museu, como instituição próxima à que conhecemos hoje, começou a se desenhar na Europa renascentista, período em que a valorização da produção artística, filosófica e científica ganhou força. O colecionismo de objetos oriundos da criação humana, bem como espécimes vegetais e animais para contemplação e entendimento passou a se tornar algo apreciado e frequente, principalmente entre os mais abastados.

Segundo Possas (2005), essa produção de coleções e o interesse crescente por elas acabaram por desencadear, entre os séculos XVI e XVII, a necessidade de guarda, preservação e exposição dessas coleções nos chamados gabinetes de curiosidades, modelo antecessor dos museus e que se expandiu até o século XVIII.

Remontando aos séculos XVI e XVII, os gabinetes de curiosidades europeus traduzem a preocupação com a memória.[...] É necessário contar com mecanismos que não deixem cair no esquecimento tudo o que Deus e sua criação máxima, o homem, podem fazer e conhecer. Os gabinetes, a princípio, revelam um caráter enciclopedista, uma tentativa de se ter ao alcance dos olhos, pelo menos, o que existe em lugares distantes e desconhecidos. (POSSAS, 2005, p. 151)

Nesse sentido, os gabinetes de curiosidades eram expressão de cultura por parte do colecionador e de valorização do poder pelo conhecimento. Tornavam-se, muitas vezes, espaços de estudo, de busca pelo conhecimento total da criação das coisas e do mundo. Acabavam, portanto, adquirindo quantidades grandes de elementos para expor, ainda que de forma desordenada, a fim de impactar e proporcionar prestígio, além de fomentar a curiosidade.

Possas (2005) indica que desse modelo, baseado no colecionismo e no estudo de coleções, vão surgir os museus, com novos processos de investigação e ordenação do acervo.

O aumento das coleções de estudo e investigação gerou a necessidade de locais mais apropriados para a guarda dos novos conhecimentos. Muitos dos antigos colecionadores tornaram-se especialistas e estudiosos em zoologia, botânica e outros tantos mundos pertencentes à chamada história natural. [...] É nesse contexto que os museus adquirem força e visibilidade. (POSSAS, 2005, p. 158)

A autora aponta que esse modelo de instituição se espalhou pela Europa, existindo por si só ou vinculado a universidades ou escolas superiores, e desempenhando papel importante no desenvolvimento das ciências.

O desenvolvimento da ciência nos séculos XVIII e XIX encontrou-se, portanto, vinculado ao surgimento e consolidação de inúmeros museus de história natural, com suas coleções especializadas e em constante expansão. (POSSAS, 2005, p. 159)

No entanto, Nascimento (1998) observa que o caráter básico, que consolida e ainda está presente no conceito de museu atual, incorpora duas mudanças paradigmáticas fundamentais que ocorreram em fins do século XVIII: a mudança da noção de coleção para a de patrimônio, e a de acesso privado para a de acesso público.

Com o movimento revolucionário do século XVIII, o Museu foi aberto definitivamente ao acesso do grande público. Mas a transformação não se restringiu apenas à questão da democratização do acesso do público, refere-se principalmente à mudança da noção de coleção para a noção de patrimônio, dentro do prisma democrático de que essas coleções deveriam ter caráter público e não privado como até então vinha sendo entendido. (NASCIMENTO, 1998, p.24)

Os museus trouxeram consigo, portanto, a produção e divulgação científica, a partir da ampliação do acesso ao conhecimento produzido. Possas (2005) complementa que, além de acesso, a abertura dos museus ao público também permitiu que o conhecimento ali produzido fosse validado pela população. (POSSAS, 2005, p. 159)

### 3.2.1.1 O museu no Brasil

De acordo com Schwarcz (2005), o museu era visto como instituição de acesso público, de guarda e preservação do patrimônio, produção e divulgação científica e foi esse o modelo de museu que veio para o Brasil junto da família real em 1808. Para a autora, nesse primeiro momento, os museus no Brasil tiveram como um dos principais

propósitos ajudar a lidar com os impasses que a mudança da coroa portuguesa para o Brasil implicavam, como a missão da Coroa de mostrar poder e unidade nacional. (SCHWARCZ, 2005, p. 124)

Somente na segunda metade do século XIX, com D. Pedro II como imperador, é que os museus brasileiros ganham força e passam a efetivamente apresentar uma guinada rumo à pesquisa científica e à comunicação museológica, seguindo o movimento dos museus e demais instituições européias.

Complementarmente, Almeida (2001) observa que durante todo o restante do século XIX e começo do século XX, a pesquisa científica brasileira foi realizada principalmente nos museus e institutos e não nas universidades, essas que por muito tempo tiveram como principal função formar profissionais liberais e políticos. (ALMEIDA, 2001, p. 49)

A criação de museus no século XIX no Brasil seguiu a tendência de expansão para fora do eixo Europa-Estados Unidos e esteve associada ao movimento europeu de criação de museus coloniais e exploração da fauna e flora de além mar e de descentralização da produção de conhecimento. Os museus criados “fora do eixo” mantiveram fortes vínculos com a Europa e Estados Unidos, o que refletiu até na escolha de seus diretores e na presença de grande número de estrangeiros em seus quadros funcionais. (SHEETS-PYENSON, 1988 apud LANDIM, 2011, p. 205).<sup>2</sup>

Nesse contexto, Schwarcz (2005) relata que, em 1893, o zoólogo alemão Hermann von Ihering é chamado para dirigir o Museu Paulista - dando um cunho científico reforçado, expresso pelo lançamento da Revista do Museu Paulista sob sua direção -, no mesmo período Barbosa Rodrigues reorganiza o Jardim Botânico e Batista Lacerda reformula o Museu Nacional. (SCHWARCZ, 2005, p. 124)

Deste modo, a literatura aponta que o fortalecimento dos museus brasileiros no século XIX, principalmente dos museus históricos, além de derivar de uma tendência internacional, está associado à ideia de se criar uma identidade nacional, expondo objetos que possuíam a dupla função de celebrar o passado e comprovar fatos da história da nação. Isso evidencia uma característica que marca a formação cultural do

---

<sup>2</sup> SHEETS-PYENSON, S. **Cathedrals of sciences**: the development of colonial natural history museums during the late nineteenth century. Kingston: McGill-Queen's University Press, 1988

Brasil, que é a modulação dos museus e instituições congêneres às conveniências políticas, expressa em maior ou menor investimento e reconhecimento.

Somente em meados do século XX houve o início de uma verdadeira revolução na área da Museologia no Brasil e no mundo. Um dos fatores colaboradores é o fato de as universidades passarem a ser as principais instituições de pesquisa em grande parte do mundo, deixando aos museus um papel auxiliar na pesquisa e na educação, o que os instigou a se repensar.

Além disso, Araújo (2013) aponta que mudanças sociais, políticas e econômicas, além de tecnológicas, tornaram urgente a necessidade de a área se atualizar e se organizar de modo a dar a importância e o devido impacto que os museus merecem e podem ter.

Se o desenho das reflexões que vão do Renascimento ao século XIX ancora-se na extrema concretude dos objetos (a instituição museu, os acervos, as técnicas), as perspectivas desenvolvidas no século XX foram importantes para deslocar e ampliar o eixo de preocupações (para as funções sociais dos museus, seu papel nos tensionamentos sociais, as apropriações dos sujeitos, os efeitos de sentido gerados por seus acervos e pelas técnicas aplicadas). É o aprofundamento desse processo que acaba por conduzir às perspectivas contemporâneas, mais atentas à complexidade dos fenômenos e à interrelação de seus elementos constituintes. (ARAÚJO, 2013, p. 19)

Foi assim que, segundo o autor, se organizou um encontro de profissionais de museus de todo o mundo mas, principalmente, da América Latina, em Santiago do Chile, encontro esse que ficou marcado como Mesa Redonda de Santiago do Chile, ocorrida em 1972, e que estabeleceu novos rumos e novas diretrizes para a Museologia.

[...]buscou debater a função social do museu e o caráter global das suas intervenções. Daí surgiu a ideia do museu integral, que deveria proporcionar à comunidade uma visão de conjunto de seu meio material e cultural. Do ponto de vista teórico, tal noção busca propor que a relação que o homem estabelece com o patrimônio cultural passe a ser estudada pela Museologia e que o museu seja entendido como instrumento e agente de transformação social – o que significa ir além das suas funções tradicionais de identificação, conservação e educação, em direção à inserção da sua ação nos meios humano e físico, integrando as populações na sua ação. (ARAÚJO, 2013, p. 17)

Tal perspectiva, conforme Machado (2005), considera que deve passar a ser prioridade pensar os museus como instrumento de desenvolvimento social, que os temas imperativos tenham como foco a comunicação museal e a necessidade de estudo sobre o visitante, priorizando, assim, a reflexão a partir da perspectiva de quem visita o museu.

Da Mesa Redonda de Santiago, saíram algumas resoluções que se traduziram no grande marco da Museologia Social, e em uma referência para as políticas públicas na América Latina, marcando o progresso da área de museus na região durante as quatro décadas seguintes em termos de institucionalização e cooperação.

Essa reunião previa a continuidade de muitos dos padrões da nova museologia, com ênfase em grandes desafios a serem superados para promover a noção de um museu integral e integrado. Integral porque aborda aspectos além dos tradicionais, de modo a melhor atender às necessidades das pessoas e promover uma vitalidade cultural das sociedades às quais os museus pertencem. Para isso, seria necessário cruzar fronteiras e enfrentar resistências conservadoras. As funções técnicas de proteger, conservar, documentar, pesquisar e comunicar assumiram outro sentido e claramente já não eram suficientes para satisfazer as expectativas emergentes. Por outro lado, o museu integrado é visto como um elemento integral e orgânico de uma estrutura social e cultural maior, como um elo de uma corrente e não mais como uma fortaleza ou ilha com acesso restrito a um grupo pequeno de privilegiados. (NASCIMENTO JR; TRAMPE; SANTOS, 2012, p. 103)

De todas as resoluções, citaremos algumas que indicam aspectos hoje mais claramente vistos nos museus, ainda que persistam características conservadoras em muitas instituições museológicas.

O museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante, e que traz consigo os elementos que lhe permitem participar da formação da consciência das comunidades que atende. Por meio dessa consciência, os museus podem incentivá-las a agir, situando suas atividades em um contexto histórico para ajudar a identificar problemas contemporâneos; ou seja, ligando o passado ao presente, comprometendo-se com mudanças estruturais em curso e provocando outras mudanças dentro de suas respectivas realidades nacionais. (IBRAM, 2012, p. 116)

Resolução relacionada à Educação Permanente:

Recomenda-se que os museus intensifiquem seu papel de melhor agente de educação permanente da comunidade em geral usando todos os meios de comunicação disponíveis, mediante:

1. A incorporação de um serviço educativo em museus que não o possuem, para que eles cumpram sua função didática, disponibilizando as instalações e os recursos necessários para permitir sua ação dentro e fora dos museus.
2. A incorporação dos serviços a serem ofertados regularmente pelos museus à política nacional de educação.
3. A divulgação, por meio de meios audiovisuais, de temas de grande importância nas escolas e no meio rural.
4. O uso de materiais duplicados para fins educativos, por meio de um sistema de descentralização.
5. O incentivo para que as escolas formem coleções e organizem exposições com elementos de seu patrimônio cultural.
6. O estabelecimento de programas de formação para professores nos diferentes níveis de ensino (primário, secundário e universitário). ((NASCIMENTO JR; TRAMPE; SANTOS,, 2012, p. 117)

Atualmente, ao lermos tais resoluções, nos damos conta de que a marca do tempo está nelas presente, entretanto é evidente o caráter inovador, ainda mais após a recapitulação histórica que ressalta as correntes conservadoras que os museus arrastaram por séculos.

Entre as inovações oriundas da Mesa Redonda de Santiago, podemos destacar o conceito de museu integral e o de museu como ação. Museu integral sendo aquele que considera a totalidade dos problemas da sociedade, e museu como ação que é conceber o museu como instrumento de mudança social.

A gestão de patrimônio ganha, portanto, a partir de 1972, a noção de patrimônio global que deve servir de instrumento para o desenvolvimento social de toda a sociedade. O museólogo, dessa forma, também adquire outra responsabilidade, que é a responsabilidade política para com o seu agir.

### **3.2.2 Organizações**

É das mudanças de conceitos e posturas éticas e políticas que decorrem - ou deveriam decorrer - as mudanças técnicas, por isso é tão crucial que os museus tenham de forma bastante clara seus propósitos estabelecidos, para que se norteiem a partir deles.

Para que esse caminho da teoria para prática ocorra de modo conjunto, é necessária a existência e atuação de organizações que pautem as discussões e sistematizem resoluções, conceitos e práticas. Assim, organizações como o *International Council of Museums* (ICOM), o IBRAM, bem como outras organizações em níveis estaduais e municipais ajudam a regular, disseminar e padronizar.

De todas as entidades que atuam na área de museus, sem dúvida alguma o ICOM é a que mais respaldo tem entre as instituições e a que mais tem pautado as atualizações e orientações da área. Uma das funções do ICOM é definir o que é museu, definição esta que é fundamental para a articulação das atividades, para a perspectiva de atuação e para o diagnóstico do presente.

A última definição de museu em vigor desde 2007:

O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite. (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013. p. 64)

Essa definição está atualmente sendo revisada de modo colaborativo por variadas instituições e profissionais de todo o mundo, visando uma atualização que reflita de fato as novas demandas.

No caso do Brasil, pensando nos suportes institucionais e legais que orientam os museus, também é de fundamental importância falar sobre a legislação relacionada à área, como a Política Nacional de Museus, a Política Nacional de Educação Museal, o Estatuto de Museus e a regulamentação da profissão de museólogo.

Essa sequência de leis foram conquistas históricas e fruto de reflexão e muita luta para que os espaços, o quadro funcional e as atividades realizadas pelos e nos museus ganhassem respaldo e, assim, a valorização merecida e necessária para sua existência.

Além dessas conquistas no campo no Direito, valem ressaltar as conquistas no campo ético, essas de crucial relevância para que as resoluções oriundas principalmente

da Mesa Redonda de Santiago permanecessem vivas e no horizonte do caminho traçado pelas instituições museológicas.

O documento principal nesse sentido é do ICOM, seu Código de Ética para Museus. Nele há o estabelecimento de normas mínimas para a prática profissional e para a atuação dos museus e seu pessoal. Ao aderir à organização, os membros do ICOM adotam as provisões deste Código.

Abaixo, as oito normas mínimas estabelecidas pelo código de ética (INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS, 2009. p. 14):

- a) os museus preservam, interpretam e promovem o patrimônio natural e cultural da humanidade:
  - princípio: os museus são responsáveis pelo patrimônio natural e cultural, material e imaterial. As autoridades de tutela e todos os responsáveis pela orientação estratégica e a supervisão dos museus têm como primeira obrigação proteger e promover este patrimônio, assim como prover os recursos humanos, materiais e financeiros necessários para este fim.
- b) os museus mantêm acervos em benefício da sociedade e de seu desenvolvimento:
  - princípio: os museus têm o dever de adquirir, preservar e valorizar seus acervos, a fim de contribuir para a salvaguarda do patrimônio natural, cultural e científico. Seus acervos constituem patrimônio público significativo, ocupam posição legal especial e são protegidos pelo direito internacional. A noção de gestão é inerente a este dever público e implica zelar pela legitimidade da propriedade desses acervos, por sua permanência, documentação, acessibilidade e pela responsabilidade em casos de sua alienação, quando permitida.
- c) os museus conservam testemunhos primários para construir e aprofundar o conhecimento:
  - princípio: os museus têm responsabilidades específicas para com a sociedade em relação à proteção e às possibilidades de acesso e de interpretação dos testemunhos primários reunidos e conservados em seus acervos.
- d) os museus criam condições para o conhecimento, a compreensão e a promoção do patrimônio natural e cultural:
  - princípio: os museus têm o importante dever de desenvolver o seu papel educativo atraindo e ampliando os públicos egressos da comunidade, localidade ou grupo a que servem. Interagir com a

comunidade e promover o seu patrimônio é parte integrante do papel educativo dos museus.

e) os recursos dos museus possibilitam a prestação de outros serviços de interesse público:

- princípio: os museus utilizam uma ampla variedade de especializações, capacitações e recursos materiais que têm alcance mais abrangente que o seu próprio âmbito. Isto permite aos museus compartilhar os seus recursos e prestar outros serviços públicos como atividades de extensão. Estes serviços devem ser realizados de forma a não comprometer a missão do museu.

f) os museus trabalham em estreita cooperação com as comunidades de onde provêm seus acervos, assim como com aquelas às quais servem:

- princípio: os acervos dos museus refletem o patrimônio cultural e natural das comunidades de onde provêm. Desta forma, seu caráter ultrapassa aquele dos bens comuns, podendo envolver fortes referências à identidade nacional, regional, local, étnica, religiosa ou política. Consequentemente, é importante que a política do museu corresponda a esta possibilidade.

g) os museus funcionam dentro da legalidade:

- princípio: os museus devem funcionar de acordo com a legislação internacional, regional, nacional ou local em vigor e com compromissos decorrentes de tratados. Além disso, a autoridade de tutela deve cumprir todas as obrigações legais ou outras condições relativas aos diferentes aspectos que regem o museu, seus acervos e seu funcionamento.

h) os museus atuam com profissionalismo:

- princípio: os profissionais de museus devem observar as normas e a legislação vigentes, manter a dignidade e honrar sua profissão. Devem proteger o público contra comportamentos profissionais ilegais ou antiéticos. Todas as oportunidades devem ser aproveitadas para educar e informar ao público sobre os objetivos, finalidades e aspirações da profissão a fim de desenvolver uma melhor compreensão a respeito das contribuições que os museus oferecem à sociedade.

Temos, portanto, o museu como fruto de uma história de amadurecimento que fez com que princípios éticos e ações políticas se tornassem seus alicerces mais fortes, sem deixar de ter como atitude fundamental a constante atualização e problematização de seu papel e contexto social.

### 3.3 O MUSEU UNIVERSITÁRIO

Museu, dentro da estrutura universitária, para Ulpiano Bezerra de Meneses (MENESES, 1968, p. 47 apud ALMEIDA, 2001, p. 79)<sup>3</sup> constitui um recurso privilegiado para a prestação de serviços à comunidade, já que, sendo museu e universidade estruturas complementares, abre espaço para uma série de possibilidades envolvendo docência e pesquisa baseadas na colaboração entre especialistas de museu e universidade.

Configura-se, portanto, como um microssistema dentro do sistema social que têm suas ações voltadas para a pesquisa, a preservação, a exposição e a educação, buscando desse modo registrar e difundir o conhecimento humano e sua memória.

Para o autor a associação entre museu e universidade se estabelece por ambos, historicamente, compartilharem da mesma responsabilidade.

[...] (Responsabilidade na) constituição e preservação do patrimônio cultural em criação contínua e apto a definir uma nacionalidade; na produção original do saber, derivado da pesquisa científica, mola e condição não apenas de progresso, mas também de subsistência; na produção de uma consciência crítica, capaz de desmistificar, a todo instante, os valores falsos e negativos; na educação e na formação de profissionais. (MENESES, 1968, p. 43).

A diferenciação entre os dois se daria quanto a métodos e técnicas de trabalho, definida pelo conceito de processo curatorial, - que, segundo Meneses (1990) é compreendido como um ciclo integrado de ações e procedimentos -, por parte do museu, e pela complexidade, dimensão e diversidade por parte da universidade, sendo necessário, por exemplo, a junção de diversos museus para se alcançar o patamar universitário.

Para além de semelhanças e diferenças, ainda segundo Meneses, o que mais aproxima museu de universidade é a complementaridade de ambos, uma vez que os museus precisam refletir e teorizar acerca de si mesmos, especializando-se e

---

<sup>3</sup> MENESES, U. B. Museu e universidade: a especificidade do museu. **Revista Dédalo**, n. 8, São Paulo, 1968.

consolidando-se por meio da estrutura que a universidade oferece, e a universidade, por sua vez, precisa dos acervos e das atividades de extensão dos museus para cumprir com o seu papel científico, acadêmico e social.

Ainda refletindo acerca do enriquecimento e das intersecções promovidas pela vinculação da universidade e do museu, Meneses (1968) diz:

Com efeito, se a sociedade em geral é a beneficiária, sem distinções, de qualquer museu, no caso do museu universitário atenção toda especial deverá ser concedida à comunidade universitária, parcela dessa mesma sociedade. Assim, por exemplo, nunca poderia ele fugir aos encargos provindos da articulação de programas de pesquisas e docência ou, em resposta, à necessidade de participar da elaboração dos projetos e dos currículos. Nestas condições, institucionalmente, o museu se transformaria numa das oportunidades mais concretas para se chegar à tão almejada quão necessária conjugação de recursos e esforços - marca essencial da “universalidade” da Universidade. (MENESES, 1968, p. 46)

Essa inserção do museu na dinâmica universitária, ou seja, a sua disponibilidade voltada ao que tange às necessidades da comunidade acadêmica, não exclui a sua disponibilidade para com a comunidade em geral, como apontado por Bruno (2009) e é justamente isso - o fato de ter as atividades abertas ao público em geral como um dos seus mais fortes alicerces e ainda assim desenvolver atividades acadêmicas e científicas como qualquer outra unidade da universidade - que faz do museu universitário uma instituição tão potente.

Considero que qualquer discussão sobre museus universitários não pode descartar, por um lado, a indissolubilidade entre ensino, pesquisa e extensão e, por outro lado, as características inerentes aos processos museais. (...). Sempre esquecemos de salientar que o museu também é muito importante para a universidade, pois tem toda a potencialidade para desenvolver, com igual competência, as três funções já mencionadas. (BRUNO, 2009, p.48)

Em contrapartida, Mendonça (2017) aponta que a universidade proporciona maior estabilidade e maiores chances de financiamento para os museus, além de oferecer estruturas mínimas de pessoal e espaço físico para a realização das principais funções museológicas, que são: aquisição, conservação, pesquisa, comunicação e educação.

Essa confluência de atividades e interesses encontra obstáculos quando colocadas em prática, uma vez que as universidades ainda não compreendem muito bem o que é um museu e quais são as suas especificidades.

Tal desconhecimento, segundo Almeida (2001) deriva em muito do fato de os museus universitários terem sido criados, em grande parte, por iniciativas externas às universidades, sendo, portanto, não pertencentes a uma política institucional planejada.

Smania-Marques e Silva (2011, p. 63) já haviam exposto a argumentação de que “os museus universitários possuem muitas missões e atribuições particulares, frutos das atividades museais e, portanto, não podem ser tratados de forma igualitária a outros órgãos institucionais” e que “o *modus operandi* das universidades interfere fortemente no *modus operandi* dos museus que estão sob a sua salvaguarda e isso traz diversas consequências e complicações”. (SMANIA-MARQUES; SILVA, 2011, 73 apud REIS et al, 2020, p. 70)<sup>4</sup>

De acordo com Lourenço (2005 apud MENDONÇA, p. 6-7, 2017)<sup>5</sup>, a universidade é o bem e o mal de seus museus, pois sua tutela nem sempre lhe será fonte de facilidades, uma vez que gerir um órgão que é simultaneamente agente público cultural e unidade acadêmica exige diretrizes claras e em concordância com as diretrizes gerais da instituição universitária.

Se isso não ocorre, uma série de dificuldades se apresenta, entre elas a falta de pessoal especificamente treinado para atuar nos museus universitários, as complicações relativas à realização das devidas conservação e catalogação das coleções, a manutenção das edificações que as abrigam, bem como a dificuldade em manter um orçamento mínimo para o cumprimento de suas missões.

Em muitos casos, Museus Universitários são centros de pesquisa, ou mesmo laboratórios que recebem o nome de “museu” por manterem a função de exibição ao público de seus espaços e de coleções científicas, bem como pela prática do ensino e da pesquisa. Junto a esses aspectos, os Museus Universitários, em consequência de políticas universitárias, são regidos por estatutos que, se não são os mesmos, consistem, pelo menos, em adaptações dos regimentos

<sup>4</sup> SMANIA-MARQUES, R.; SILVA, R. M. L. O reflexo das políticas universitárias na imagem dos museus universitários: o caso dos museus da UFBA. **Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v. 4, n.1, p. 63 – 84, 2011.

<sup>5</sup> LOURENÇO, M.C. **Between two worlds the distinct nature and contemporary significance of university museums and collections in European**. Tese de doutorado não publicada. Conservatoire National des Arts et Métiers, Paris, 2005.

aplicados a laboratórios, centros de pesquisa e estudos universitários. Assim, no âmbito institucional, os Museus Universitários são geridos da mesma forma que as outras unidades acadêmicas, laboratórios e órgãos afins. Além dos aspectos institucionais, há também os históricos epistemológicos, que aproximam os museus dos outros espaços de elaboração de saber científico. (MENDONÇA, 2017, p. 9)

Assim, para que seja possível que um museu universitário cumpra seu papel como museu e também como unidade universitária, é preciso que se compatibilize as duas estruturas, a museal e a universitária. Para isso, o entendimento dos propósitos, dinâmicas e desafios de ambas deve ser profundo e compreendido como indissociáveis, fazendo com que seus profissionais ajam de forma colaborativa, com ações voltadas para a promoção de um diálogo aberto com a universidade e a sociedade.

Segundo Adriana Mortara Almeida (2001, p. 5), os museus universitários devem realizar todas as funções de um museu - de acordo com a definição do ICOM - e também funções que surgem da atuação dentro de uma instituição universitária:

- a) abrigar/formar coleções significativas para desenvolvimento de pesquisa, ensino e extensão;
- b) dar ênfase ao desenvolvimento de pesquisas a partir do acervo;
- c) manter disciplinas que valorizem as coleções e as pesquisas sobre as coleções;
- d) participar da formação de trabalhadores de museus;
- e) propor programas de extensão: cursos, exposições, atividades culturais, atividades educativas baseados nas pesquisas e no acervo;
- f) manter programas voltados para diferentes públicos: especializado, universitário, escolar, espontâneo, entre outros, dependendo da disponibilidade de coleções semelhantes na região e do interesse dos diferentes públicos. Esses programas também são frutos de pesquisas.

Em uma universidade, portanto, o propósito de seus museus é o que guia suas funções e missão. Tal propósito pode ser entendido como o de servir de subsídio para a pesquisa, para o ensino e para a extensão.

Diante de tantas problemáticas evidenciando o caráter específico dos museus universitários, algumas organizações foram criadas para debater as questões específicas desse tipo de museu e de seus profissionais.

Uma das mais importantes é o *International Committee for University Museums and Collections*, do ICOM, que visa apoiar o desenvolvimento contínuo de museus e

coleções universitárias, compreendendo-os como recursos essenciais dedicados à pesquisa, educação e preservação do patrimônio cultural, histórico, natural e científico. No Brasil, destaca-se também o Fórum Permanente de Museus Universitários e a Rede Brasileira de Museus e Coleções Universitárias.

Entretanto, apesar das organizações e eventos realizados, os dilemas e a confusão acerca do que define os museus universitários ainda são grandes, indicando que há longo caminho a ser percorrido.

No cenário brasileiro vemos uma disparidade expressiva entre os museus universitários no que se refere ao desenvolvimento de atividades, alicerces pedagógicos, visibilidade e autonomia. Segundo pesquisa realizada por Verônica Cook Fernandes (2020), que analisou os 100 museus mais visitados no Brasil entre 2014 e 2018, os museus universitários não se distinguem dos demais museus no quesito visitação - uma vez que sua presença entre os mais visitados é equivalente a sua presença no conjunto geral de museus registrados na plataforma Museus BR<sup>6</sup> -, mas se destacam em outros aspectos interessantes para pensarmos o que é um museu universitário no Brasil.

Tais aspectos, segundo a autora, ajudam a compor um panorama da desigualdade de perfil e condições dos museus universitários brasileiros, como o fato de que quase a totalidade dos museus universitários mais visitados no referido período se localizarem nas regiões Sul e Sudeste do país. Ou ainda que a maioria expressiva dos museus universitários mais visitados serem os vinculados a universidades públicas.

Como vimos, há apenas uma instituição fora do eixo Sul-Sudeste, localizada na região Nordeste, e não temos sequer um museu universitário das regiões Norte e Centro Oeste na lista. [...] Ainda que tenhamos identificado, nas últimas décadas, a criação de museus vinculados a universidades privadas (os exemplares do recorte estudado foram criados a partir de 1986), é importante também constatar que: as universidades públicas foram responsáveis pela maior quantidade de museus na lista dos 100 mais visitados no Brasil entre 2014 e 2018; foram duas universidades públicas as únicas a apresentar mais de um museu nesta mesma lista; e que, novamente, foram os museus de universidades públicas os que mais vezes apresentaram recorrência na lista em comparação aos museus de universidades particulares. Os museus vinculados às universidades públicas foram, por fim, responsáveis por uma menor concentração

---

<sup>6</sup> Sistema nacional de identificação de museus e plataforma para mapeamento colaborativo, gestão e compartilhamento de informações sobre os museus brasileiros.

geográfica no país, estando presentes em sete unidades da federação (contra três estados, no caso dos museus universitários privados). (FERNANDES, 2020, p. 31)

Fernandes (2020) observa que no que diz respeito às temáticas desses museus, grande parte são museus de ciências, valendo ainda o destaque para o fato de que todas as seis sedes construídas especificamente para abrigar instituições museológicas - do *corpus* estudado na referida pesquisa - foram para museus de ciências, denotando um viés privilegiado pelas universidades brasileiras.

É possível estabelecer, portanto, que o desenvolvimento da ciência do país está fortemente imbricado com as atividades das universidades, incluindo a de seus museus, denotando um potencial de sucesso da parceria entre os dois pelo menos nesse aspecto.

Tal sucesso, porém, ainda é apenas um potencial, já que o contexto contemporâneo tem evidenciado um descaso com os museus universitários, tendo em vista os últimos incêndios ocorridos no Museu Nacional e no Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais.

Segundo Maurício André da Silva (2020) a sociedade pode contribuir com a defesa dos museus, entre eles os universitários, fazendo pressão sobre o poder público, mas para isso é preciso que essa sociedade se sinta pertencente aos museus. Assim, torna-se crucial o oferecimento de programas institucionais destinados à formação de profissionais e de usuários quanto à democratização do conhecimento e o valor do patrimônio cultural brasileiro.

### 3.4 BIBLIOTECA: PANORAMA HISTÓRICO, DEFINIÇÃO E ORGANIZAÇÕES

#### 3.4.1 História

A palavra biblioteca é originária do grego *bibliothéke*, sendo *biblíon* (livro) e *theke* (depósito), etimologicamente, portanto, biblioteca significa depósito de livros (CUNHA, 1997 apud SANTOS, 2012, p. 176)<sup>7</sup>. Se esse é o seu significado etimológico,

---

<sup>7</sup> CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 2.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

muito diferente é o seu sentido contemporâneo, relacionado fortemente aos conceitos de acesso, informação e sociedade.

As bibliotecas existem desde a Antiguidade, surgindo juntamente com a invenção da escrita e da necessidade de preservação de registros. Mudanças técnicas como o uso do papel ou da imprensa, bem como novas demandas contextuais fizeram com que esses depósitos de registros escritos se tornassem maiores, tivessem maior prestígio e, portanto, fossem mais demandados.

Ortega (2004) aponta que a partir do Renascimento, as bibliotecas se tornaram bibliotecas de consumo, alcançando um público cada vez maior por meio da adoção de um caráter mais democrático. Assim, é possível afirmar que a história das bibliotecas é também a história do conhecimento humano, pois foi com elas que tal conhecimento foi preservado e disseminado ao longo do tempo.

O advento da imprensa no ocidente propiciou o rompimento do monopólio que a Igreja exercia sobre a produção bibliográfica. A tarefa de reprodução de manuscritos realizada pelos copistas nos mosteiros aos poucos foi sendo retirada, passando a ser feita em oficinas especializadas. A produção dos livros tipográficos leva as bibliotecas e os bibliotecários de então a se distanciarem dos processos de organização dos documentos, mas em contrapartida, [...] ganharam maior visibilidade pública e social. (ORTEGA, 2004, p. 3 apud SANTOS; RODRIGUES, 2013, p. 119)<sup>8</sup>

Da mesma forma que os museus, as bibliotecas foram se adaptando aos momentos, lugares e demandas de seu entorno, até chegarem ao modelo que conhecemos hoje, confirmando o que Shera (1976) estabeleceu como função básica de toda biblioteca, que é o de existir “fundamentalmente para ir ao encontro de determinadas necessidades sociais, tendo suas funções variando de acordo com as diferentes demandas das sociedades ao longo do tempo”. (SHERA (1976) apud ARAÚJO, 2014, p. 33)<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup>ORTEGA, C.D. Relações históricas entre biblioteconomia, documentação e ciência da informação. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, p. 1-16, out. 2004

<sup>9</sup> SHERA, J. **The foundations of education for librarianship**. New York: Becker and Hayes, 1976

### 3.4.1.1 A biblioteca no Brasil

Moraes (2006), aponta que no Brasil, as bibliotecas começaram a surgir com os colégios jesuítas no século XVII, pois com a chegada das ordens religiosas se dá início ao chamado processo de instrução da população. (MORAES, 2006 apud NUNES; CARVALHO, 2016, p. 184)<sup>10</sup>

Contudo, as bibliotecas vão de fato se alicerçar no país de forma mais expressiva com a chegada da família real ao Rio de Janeiro em 1808, que trouxe consigo a Biblioteca Real Portuguesa, que mais tarde se tornaria a Biblioteca Nacional (BN).

Somente ao longo do século XX que iniciativas mais efetivas vão ser tomadas visando elevar o nível educacional brasileiro, entre elas a construção de mais universidades, como a Universidade de Manaus em 1909 e da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1920 e, com elas, a criação de bibliotecas universitárias.

Segundo Edmir Perrotti e Ivete Pieruccini (PERROTTI, PIERUCCINI 2007 apud, ARAÚJO, 2014, p. 89)<sup>11</sup>, houve três modelos de biblioteca ao longo da história, um primeiro, voltado à organização e tratamento técnico dos acervos; um segundo com foco na difusão cultural; e um terceiro cuja dedicação estava na apropriação cultural, ou seja, os usuários com maior relevância e a biblioteca se tornando um dispositivo de mediação cultural.

As bibliotecas, assim, deixaram de ser simples artifícios de transferência de conteúdos informacionais para se constituírem em verdadeiros dispositivos produtores de sentidos, tendo os usuários ou leitores como sujeitos ativos do processo. Nessa linha, recentemente tem havido uma valorização da diversidade e da participação multicultural no espaço da biblioteca. (ARAÚJO, 2014, p. 89)

Tal perfil marcado pela aproximação com o usuário tem enfatizado o que existe na realidade como potencialmente arquivístico, biblioteconômico e museológico, tendo como objeto a relação do ser humano com a realidade mediada pelas intervenções produzidas, e não mais as instituições ou as técnicas de trabalho.

<sup>10</sup> MORAES, R. B. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2006.

<sup>11</sup> PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. In: LARA, M.; FUJINO, A.; NORONHA, D. (org.) **Informação e contemporaneidade: perspectivas**. Recife: Néctar, 2007, p. 47-96.

### 3.4.2 Organizações

Acompanhando tais mudanças e contribuindo para a sistematização da atuação das bibliotecas, algumas entidades se constituíram e se solidificaram, configurando-se hoje como fortes alicerces da área.

Podemos citar a *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA), que é o principal órgão internacional que representa os interesses dos usuários, serviços de bibliotecas e documentação e seus profissionais; e a *American Library Association* (ALA) que visa proporcionar o desenvolvimento, promoção e melhoria da biblioteca e serviços de informação e da profissão de bibliotecário, a fim de melhorar a aprendizagem e garantir o acesso à informação para todos.

No Brasil, destaca-se a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições (FEBAB); a Fundação Biblioteca Nacional (FBN); o Conselho Federal de Biblioteconomia bem como os Conselhos Regionais; o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT); e o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP).

Todas essas entidades internacionais e nacionais contribuem para a organização, divulgação, padronização e discussão dos preceitos básicos que regem a área, sendo, portanto, de fundamental importância principalmente em um país como o Brasil cujas disparidades entre os diferentes contextos regionais são bastante acentuadas.

### 3.5 A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

As bibliotecas universitárias, por sua vez, na estrutura da universidade, são os espaços de difusão por excelência, ainda que sua atuação transversal venha sendo cada vez mais consolidada e reconhecida. Seu papel de mediação no processo de aprendizagem e sua contribuição direta na pesquisa nas mais diversas áreas têm feito das bibliotecas universitárias organismos em constante evolução, pois é exigido delas que tenham um olhar atento para com as novas demandas por parte da própria universidade e da sociedade.

Por acompanhar os princípios norteadores da instituição de ensino superior a qual pertence, a biblioteca universitária está submetida à missão da universidade, tendo sua própria missão, portanto, nela embasada. Isso faz com que os objetivos estabelecidos por lei às universidades, ou os decididos dentro do que a autonomia universitária permite, repercutam nas bibliotecas, conforme apontado por Ferreira (1980).

A universidade deve estar voltada às necessidades educacionais, culturais, científicas e tecnológicas de um país, as bibliotecas devem trabalhar visando a esses objetivos, condicionadas que são às finalidades fundamentais da universidade. Por isso, as bibliotecas devem participar ativamente do sistema educacional desenvolvido pelas universidades. Do mesmo modo que não há sentido em universidades desvinculadas da realidade sócio-econômica, as bibliotecas universitárias só poderão ter sentido se estiverem em consonância com os programas de ensino e pesquisa das universidades a que pertencem. (FERREIRA, 1980, p. 7)

Segundo Neusa Dias de Macedo e Maria Matilde Kronka Dias (1992) a biblioteca universitária tem seus objetivos alinhados aos da universidade e suas unidades de ensino, pesquisa e extensão, constituindo-se como um dos principais órgãos responsáveis pela efetividade da missão universitária.

Ainda segundo Dias e Macedo (1992, p.43), “o objetivo geral e essencial de uma BU (Biblioteca Universitária) pode ser sintetizado em poucas palavras: promover a interface entre os usuários e a informação estocada na biblioteca.”

Essa interface entre os usuários e a informação se dá de forma transversal, voltada para atender as necessidades de todos os membros da comunidade acadêmica da qual fazem parte, mas num processo dinâmico, com o intuito de agir interativamente para ampliar o acesso à informação e contribuir para a missão da universidade.

No contexto brasileiro, as bibliotecas universitárias se expandem de forma expressiva somente no final da década de 1960, com o aumento de universidades pelo país. Esse processo foi alimentado com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), no final do século XX.

A LDB, ao trabalhar os objetivos e critérios do ensino superior, indica o encorajamento da pesquisa científica com vistas ao desenvolvimento da ciência e tecnologia no país, além da criação e difusão cultural (BRASIL, 1996). Para que isso seja possível, estabelece que as instituições de ensino superior, tanto públicas quanto privadas, devem valorizar suas bibliotecas, colocando-as como contribuidoras diretas para a missão universitária.

Conforme Anzolim e Sermann (2006, p. 7 apud NUNES; CARVALHO, 2016, p. 187)<sup>12</sup>, “[...] a biblioteca universitária é um órgão que atua em instituições de ensino superior com a finalidade de oferecer “[...] suporte informacional, complementando as atividades curriculares dos cursos, oferecendo recursos para facilitar a pesquisa científica.”

De acordo com o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP), criado pelo Decreto Presidencial n. 520 de 13 de maio de 1992 como um órgão subordinado diretamente à Fundação Biblioteca Nacional (FBN), biblioteca universitária é uma instituição ligada a uma unidade de ensino superior, seja pública ou privada, com o objetivo de “[...] apoiar as atividades de ensino, pesquisa e extensão por meio de seu acervo e dos seus serviços.”

Fica claro, portanto, que o que é biblioteca universitária depende fundamentalmente do que é entendido como o papel da universidade. Se fatores contextuais moldam as instituições universitárias, por conseguinte, também configuram as suas bibliotecas. Por isso, as bibliotecas devem atuar de modo ativo na dinâmica da universidade para que possam acompanhar e se adaptar às novas demandas.

Assim, se não faz sentido que universidades se desvinculem da realidade socioeconômica ao seu redor, as bibliotecas universitárias também perderão o sentido de ser se não estiverem em consonância com o que a sua instituição estabelecer como programa e missão.

---

<sup>12</sup> ANZOLIN, H. H.; SERMANN, L. I. C. Biblioteca universitária na era planetária. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 14, 2006, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2006. p. 1-14.

#### 4 OS MUSEUS ESTATUTÁRIOS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A Universidade de São Paulo possui dezenas de museus e coleções, porém apenas quatro desses museus são hoje estatutários, ou seja, dispõem de *status* dentro da universidade equivalente às demais unidades, o que lhes confere maior autonomia e representatividade nos colegiados da administração central.

Os museus estatutários da USP são o Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE), o Museu Paulista (MP), o Museu de Arte Contemporânea (MAC) e o Museu de Zoologia (MZ), todos eles já existiam antes de serem incorporados à universidade, ou pelo menos seus acervos iniciais, como é o caso do MAE e do MAC.

[...] as universidades foram consideradas as melhores guardiãs de acervos já formados e mesmo de museus já constituídos. A universidade era vista como um centro produtor e irradiador de conhecimento e com fontes inesgotáveis de recursos humanos e financeiros para manutenção desse extenso patrimônio. Em São Paulo, esse fenômeno ocorreu tanto no momento de criação da USP quanto nos anos 60, quando da incorporação de outros museus. (ALMEIDA, 2001, p. 54)

Segundo Camargo (2017), o primeiro a ser incorporado definitivamente à USP foi o Museu Paulista, em 1963, pelo decreto nº 7.843 de 11 de março, depois foi o Museu de Arte Contemporânea, no mesmo ano, pela portaria 18 e a partir de acervo pertencente ao Museu de Arte Moderna. Em 1964, foi a vez do Museu de Arqueologia e Etnologia, pelo decreto nº 43.304 de 8 de maio, e, anos mais tarde, em 1969, o Museu de Zoologia passou a fazer parte da universidade pelo decreto nº 98 de 13 de junho. (CAMARGO, 2017, p.87)

A integração desses museus à universidade se deu pela crença de que dessa forma conseguiriam maior estabilidade financeira e visibilidade, uma vez que estariam fazendo parte de uma instituição sólida, com profissionais competentes e orçamento garantido.

Entretanto, esses possíveis ganhos não se deram como o esperado, pois, por ter sido uma integração articulada por iniciativas externas à USP, não houve uma adequação de premissas e estrutura para a inclusão dessas instituições museológicas, o que rendeu por vários anos dificuldades de atuação, representatividade e autonomia por parte delas.

De acordo com Brandão (2007), um dos aspectos que expressam essa dificuldade inicial dos museus na USP é que eles foram incorporados como órgãos integrativos ou complementares e não como unidades, que é a forma de reconhecimento das outras instituições que compõem a universidade, não tendo, portanto, o mesmo peso e autonomia. Além disso, no processo de incorporação à USP, perdeu-se boa parte do corpo técnico, o que prejudicou sobremaneira as atividades e programas de pesquisa.

Ainda segundo o autor, dos profissionais que migraram conjuntamente com os museus, boa parte atuava como pesquisador e docente, mas foram lotados em carreiras administrativas de acordo com suas especialidades. Seus vencimentos, para equipararem-se aos dos demais docentes da universidade, eram complementados por meio de pró-labore.

A falta de pessoal e a situação funcional torta dos que ficaram fez com que tais museus se vissem em uma situação que já se pensava ultrapassada, ou seja, estavam diante de uma insuficiente massa crítica para fazer frente aos desafios que se impunham e que os impossibilitavam de serem realmente museus na prática.

Durante os primeiros anos, por questões burocráticas, os salários dos pesquisadores desses museus passaram a ficar extremamente defasados se comparados aos dos demais pesquisadores docentes da USP. Isso fez com que a discussão sobre a carreira docente e sobre o próprio conceito de docência na universidade se tornasse ainda mais urgente.

Brandão (2007) aponta ainda que, na época, em meados dos anos 70, o que pautava a carreira docente era a lei federal 5540, que determinava que a carreira docente deveria ocorrer de forma exclusiva nos departamentos.

Vale ressaltar que a maioria dos docentes recém-integrados continuou a desenvolver programas de pesquisa nos museus e institutos especializados, participando ativamente das disciplinas de graduação e pós-graduação dos departamentos. A integração aos departamentos, porém, não se fez de forma uniforme, estendida a todos os que atendiam o critério de estabilidade em 1972; os conselhos departamentais das unidades aceitaram, ou não, soberanamente, a integração de pesquisadores de museus a seus quadros docentes, gerando novas e profundas divisões entre os aceitos e os não aceitos pelos departamentos. Essa divisão indesejável das equipes dos órgãos de integração gerou novo e significativo atraso da pesquisa em várias áreas de conhecimento. (BRANDÃO, 2007, p. 212)

Diante da insatisfação desses profissionais bem como dos obstáculos que a falta de autonomia conferia aos museus, foram feitas reuniões e seminários com profissionais da área para que fosse formulado um painel sobre o papel dos museus universitários, seu potencial e o que faltava para que atingissem um patamar de ação satisfatório. Esse painel foi feito e o que de mais expressivo dele decorreu foi o entendimento acerca do papel do estudo permanente da cultura material na agenda de uma universidade, estudo esse que possibilitaria fortemente a conexão entre as pesquisas de mesmo tema desenvolvidas tanto nos museus quanto nos departamentos.

Além desse importante aspecto, outros fatores foram apontados:

As discussões apontaram alguns princípios: os museus têm muito a ganhar por integrarem uma universidade, onde todas as áreas do saber se desenvolvem na sinergia necessária de especialidades para enfrentar os desafios da curadoria científica de coleções; os pesquisadores de museus exerciam todas as atividades esperadas de docentes da Universidade, apesar de, naquele momento, não serem por ela assim formalmente reconhecidos; por fim, concluía-se que, apesar das diferenças, os quatro museus guardavam semelhanças, o que indicava a conveniência de receberem tratamento similar. (BRANDÃO, 2013, 2007)

Apesar das discussões, segundo o autor, foi somente em 1999 que a USP estabeleceu a definição do que são as atividades docentes, pondo fim a interpretações conflitantes. Estabeleceu-se, portanto, que a docência na Universidade compreende um ciclo de atividades tanto em sala de aula, seja em disciplinas obrigatórias ou em disciplinas optativas para graduação ou pós-graduação, quanto em orientação de pesquisas e estágios em qualquer órgão da USP. (BRANDÃO, 2007, p. 215)

Estabelecer exatamente o que compreende as atividades docentes foi essencial para reforçar o argumento, há muito assinalado pelos profissionais dos museus, de que eles exerciam tudo o que competia aos docentes da universidade, mas não eram remunerados nem reconhecidos como tais.

Diante dessa conquista, foi estabelecida a Coordenação de Museus, com regimento próprio e poderes de organizar conselhos deliberativos e estruturas administrativas nos quatro museus. Tal configuração facilitou a resolução de problemas antigos, como a defasagem no quadro de profissionais dos museus e a falta de carreira docente.

Fleming e Florenzano (2011) observam que em 2010 um outro passo importante para a autonomia dos museus estatutários da USP foi dado, a partir da Resolução nº 5904, que garantiu a representação dos museus no Conselho Universitário, principal colegiado da universidade, permitindo maior liberdade política, bem como a possibilidade de cada um dos museus gerirem a carreira de seus docentes. Além disso, com as resoluções nº 5900 e 5901, do mesmo ano, os museus estatutários não estão mais dependentes de uma única pró-reitoria, como acontecia até então. (FLEMING; FLORENZANO, 2011, p. 217)

Assim, os museus estatutários são, hoje, unidades de ensino, pesquisa e extensão que gozam de autonomia acadêmica e orçamentária. Não oferecem diploma de graduação, mas coordenam programas de pós-graduação, cada um com linhas de pesquisa específicas das áreas de cada museu e também o programa de pós-graduação interunidades em museologia.

Além disso, oferecem disciplinas optativas abertas para todos os cursos de graduação da universidade, possuem programas de estágio e orientação desde a iniciação científica até o pós-doutoramento. Somam-se às atividades estritamente de ensino e pesquisa, os programas de difusão cultural, que atende além da comunidade universitária, um vasto público externo, principalmente escolar.

Os museus, apesar de atualmente apresentarem docentes com os mesmos direitos e deveres dos demais e realizarem atividades de ensino e pesquisa, diferenciam-se dos departamentos por terem um alicerce forte nas atividades voltadas para os seus acervos, característica eminentemente museológica e que abarca uma série de atividades, como as de curadoria, conservação, pesquisa e comunicação.

Toda essa trajetória dos museus estatutários da USP exemplifica a situação difícil que os museus sempre encontraram, exigindo muita luta por parte de seus profissionais para que suas especificidades sejam compreendidas e respeitadas.

É fundamental deixar claro que a situação atual dos museus estatutários da USP é um caso à parte quando analisada em comparação aos demais museus universitários do país, que ainda hoje não possuem autonomia e reconhecimento de suas características e funções.

#### 4.1 MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

O Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP) foi criado em 1963, quando da transferência das obras do Museu de Arte Moderna (MAM-SP) à Universidade de São Paulo. Seu acervo conta com obras advindas de coleções particulares, como a de Francisco Matarazzo Sobrinho e de sua esposa Yolanda Penteado, bem como com a doação de obras internacionais pela Fundação Nelson Rockefeller, e prêmios das Bienais Internacionais de São Paulo. Em seu acervo há cerca de 8 mil obras – entre óleos, desenhos, gravuras, esculturas, objetos e trabalhos conceituais – consistindo em um grande patrimônio cultural, com implicações sociais, nacionais e internacionais. (MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA, 2018).

O MAC USP ocupou primeiramente o terceiro andar do edifício da Fundação Bienal no Parque do Ibirapuera. Como o espaço era inadequado para sua plena instalação e funcionamento, outro local foi procurado. Em 1992, conseguiu-se um espaço na cidade universitária, mas ainda insuficiente.

Somente em 2012 o MAC-USP teve sua sede atual inaugurada, ocupando o antigo Palácio da Agricultura, uma das edificações projetadas por Oscar Niemeyer para o Parque do Ibirapuera.

Podemos dizer, portanto, que somente com o estabelecimento de uma sede adequada é que foi possível a realização plena das atividades do museu. Atividades estas que, desde 2018, estão discernidas e explicadas no plano museológico do MAC.

Em seu plano museológico, o MAC estabelece como finalidade a promoção do estudo e da difusão de seu acervo, além de sua conservação, proteção, valorização e ampliação. Soma-se a isso a busca pelo reconhecimento de seu acervo como patrimônio artístico nacional dentro do país e no exterior. (MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA, 2018)

Entre as suas atividades de extensão, estão exposições temporárias com obras tanto de artistas brasileiros como estrangeiros, cursos de extensão cultural, oficinas de criação, visitas guiadas e a disponibilização de acervo bibliográfico especializado em arte moderna e contemporânea em sua biblioteca, bem como acervo histórico importante em seu arquivo.

O plano museológico do MAC apresenta ainda metas a serem cumpridas, uma delas diz respeito à difusão do acervo por meio de pesquisa em seus acervos artísticos, arquivísticos e bibliográficos, organizada através de uma política de acervo que está em desenvolvimento.

Outra meta é o estabelecimento de três linhas de pesquisa, sendo as duas primeiras já existentes e uma terceira cuja aplicação será inédita:

As linhas de pesquisa que organizam as atividades no MAC são três:

- a) história, teoria e crítica de arte em museus;
- b) educação e arte em museus;
- c) processos museológicos.

Essa última linha de pesquisa visa abrigar docentes com formação interdisciplinar em conservação, documentação e catalogação de acervos museológicos.

Uma passagem bastante interessante do plano museológico é a que diz que a concepção de acervo para o museu compreende “a reunião das obras de arte propriamente ditas, os documentos do arquivo e do acervo bibliográfico”, configurando, portanto, uma diversidade que amplia as possibilidades de atividades a serem incorporadas às disciplinas. (MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA, 2018, p. 36)

Essa visão mais integrativa dos diferentes tipos de acervos presentes no museu vai de encontro ao reconhecimento do fenômeno museológico como algo interdisciplinar caracterizado fortemente pela reciprocidade entre atividades-meio e atividades-fim, ambas dentro do limite da ação museológica.

Tal visão tem como propósito amenizar a distância entre as atividades acadêmicas próprias de todas as unidades da USP e as atividades específicas de um museu.

A afinação de propósitos e a eliminação de paralelismos depende do 'entranhamento' dos conhecimentos e dos valores acadêmicos no cotidiano de atividades e no encadeamento de ações de salvaguarda, pesquisa e comunicação. Do mesmo modo, é preciso atenção para que as diretrizes e demandas universitárias não ofusquem as funções patrimonial e social, precípuas de um museu. (MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA, 2018, p.55)

O plano museológico sinaliza uma orientação ética da instituição, além de diretrizes práticas e estratégias de gestão. Portanto, é um indicativo muito importante ter o caráter fundamentalmente museológico priorizado no documento guia do museu.

#### **4.1.1 Biblioteca Lourival Gomes Machado**

A Biblioteca Lourival Gomes Machado foi criada juntamente com o museu, em 1963, a partir da aquisição da biblioteca pessoal do artista e produtor cultural Paulo Rossi Osir, que foi fundamental para o estudo do núcleo inicial da coleção de artes visuais do MAC USP, originalmente formada no Museu de Arte Moderna de São Paulo. (MAC, 2018)

Hoje, segundo dados obtidos no site oficial da instituição, compreende cerca

12000 livros sobre artes plásticas, 32000 catálogos de exposição, 27000 slides, 1400 pastas com recortes de jornais sobre artistas do acervo de obras de arte do museu, e 18 títulos de periódicos correntes.

Ainda de acordo com o site institucional, o acervo bibliográfico do MAC cresce a partir de compra, doação ou permuta de itens. No caso de compra, a verba é oriunda da Reitoria da USP, e a escolha dos títulos - o que vale também para a aceitação de doações e permutas - é feita pela Comissão de Biblioteca e pela equipe técnica, respeitando a política de desenvolvimento de acervo estabelecida pela biblioteca.

Quanto ao desenvolvimento de seus acervos, ele é guiado pelas linhas de pesquisa vigentes no Museu - História, Teoria e Crítica da Arte em Museus; Educação e Arte em Museus; Processos Museológicos -, pensadas em perspectiva interdisciplinar. (MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA, 2018)

No que se refere às normas de processamento técnico, a Biblioteca Lourival Gomes Machado integra a Agência de Gestão de Informação Acadêmica da Universidade de São Paulo (AGUIA USP) e o catálogo coletivo no Sistema Dedalus, seguindo as normativas gerais estabelecidas pela agência, gestora dos repositórios institucionais da universidade.

#### 4.2 MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

O Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) foi criado em 1989, a partir da união do antigo Museu de Arqueologia e Arte (MAA), dos setores de Arqueologia e Etnologia do Museu Paulista, das coleções do Instituto de Pré-História (IPH) e do acervo Plínio Ayrosa, do departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP).

Segundo Florenzano e Fleming (2011), o início da formação do acervo que viria a compor o MAE deu-se em 1964, a partir da doação à USP, mediada por Francisco Matarazzo Sobrinho, de um valioso acervo de Arqueologia Clássica (536 peças). Depois, entre 1965 e 1966, outras doações institucionais e privadas ocorreram. O

acervo, portanto, é mais antigo que o próprio museu, assim como seu quadro funcional, que é oriundo das instituições que se uniram.

A oficialização como MAE, em 1989, ocorre na esteira do movimento de reordenação e reforma do estatuto da USP de 1988, momento este que abriu caminho para uma organização das coleções arqueológicas e etnográficas da universidade e das pesquisas delas decorrentes.

Buscou-se, portanto, reunir tais coleções que estavam dispersas e duplicadas, inclusive as coleções bibliográficas, equipamentos, bibliotecas e recursos humanos.

Dessa feita, foram reunidos pela Resolução n.3.560, sob a denominação “Museu de Arqueologia e Etnologia”, o Instituto de Pré-História, o componente arqueológico e etnográfico do Museu Paulista, o acervo Plínio Ayrosa do Departamento de Antropologia da FFLCH e o então Museu de Arqueologia e Etnologia. (FLEMING; FLORENZANO, 2011)

Além desses acervos, o Museu conta com uma extensão regional no município de Piraju, São Paulo, contendo um pequeno acervo de peças arqueológicas advindas das escavações realizadas na bacia do rio Paranapanema, nas décadas de 1960-1970, além de algumas coleções de periódicos e livros da área de Arqueologia. Essa junção de acervos, assim como a constituição da unidade de Piraju, teve o propósito de reunir tanto o acervo de Arqueologia, Etnologia e áreas afins, como o de unificar e integrar a pesquisa, cultura e extensão.

Partindo desse propósito, o MAE passou a configurar um dos principais museus arqueológicos e etnológicos do país, além de conquistar forte prestígio na formação acadêmica com os seus programas de pós-graduação. Atualmente, o museu mantém programas de pós-graduação em Arqueologia, nível Mestrado e Doutorado, e o Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia, nível Mestrado.

O plano museológico do MAE ainda está em desenvolvimento, por isso as informações desta pesquisa estão baseadas em seu plano acadêmico, que fornece dados importantes para caracterização do museu e para o entendimento de suas estratégias e direcionamentos de gestão.

Seu plano acadêmico se inicia afirmando que o perfil institucional do MAE

deriva de sua identidade como museu universitário, ou seja, já estabelece que há todo um conceito específico para o tipo de instituição em que ele se enquadra.

Quanto ao seu acervo museológico, trata-se principalmente de acervos arqueológicos e etnográficos, entendidos como patrimônio cultural.

O princípio básico é que um museu é responsável pela curadoria das coleções que guarda. Isso implica em um processo chamado de curatorial, ou seja, o ciclo completo de atividades em torno dos objetos que compõem o acervo, a saber: pesquisa (envolvendo, frequentemente, coleta e formação de coleções), salvaguarda (conservação e documentação) e comunicação museal (exposição e educação), solidária e harmonicamente conectados. A inserção de atividades expositivas e ações educativo-culturais é, portanto, inerente aos processos curatoriais. Esta é a faceta que faz dos museus excelentes instrumentos de divulgação, formação cultural e educação, problematizando o patrimônio cultural e o próprio processo de produção de conhecimento científico. (MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA, 2018, p. 1)

Segundo Maurício André da Silva (2020), educador e doutorando do Museu, o MAE tem a possibilidade de realizar pesquisas de ponta em suas áreas e a partir delas e com elas empregar uma variedade de estratégias de divulgação científica. Essa gama de possibilidades somente é possível por ser um museu autônomo, dentro de uma universidade cuja atuação crítica e independente sobressai diante de qualquer interesse do mercado cultural.

De todas as divisões que participam do processo curatorial, o Educativo de um museu tem atuação forte e direta nessa divulgação, e nesse aspecto o MAE se destaca, uma vez que vêm desenvolvendo e participando de programas específicos para atender às particularidades de seu público, como ações com idosos e com crianças e jovens em vulnerabilidade social. (SILVA, 2020)

Atualmente há cinco programas permanentes desenvolvidos pelo Educativo do MAE:

- Programa de Mediação;
- Programa de Formação;
- Programa de Recursos Pedagógicos;
- Programa de Acessibilidade;

- Programa de Ações Extramuros.

De todos esses programas, vale destacar o Programa de Formação, uma vez que ele é o que mais tem integrado setores diversos do Museu, inclusive a biblioteca, ainda que de forma tímida. Esse programa se divide em três eixos:

- formação de bolsistas;
- oferecimento e acompanhamento de estágios de observação da licenciatura;
- oferecimento de cursos para professores e professoras da rede formal de ensino.

Nesses três eixos busca-se, segundo Silva (2020), uma abordagem qualificada das temáticas arqueológicas e antropológicas para serem aplicadas em sala de aula, visando amenizar o déficit apresentado por boa parte dos profissionais e futuros profissionais da educação formal que não teve contato com esses assuntos em sua formação, tendo dificuldades para cumprir a lei nº 11645, de 2008, que torna obrigatório o ensino de História e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas.

A adesão tanto ao estágio quanto às formações tem sido grande, com uma média, de acordo com Silva (2020), de mil professores e professoras por ano. Esse dado é um dos indicativos do sucesso dos programas do Educativo do MAE que, “em comparação com os demais museus que não se inserem na esfera universitária, o viés formativo integrado e processual é um dos seus diferenciais e potência.” (SILVA, 2020, p. 297)

Complementarmente, Ramos (2004) ressalta que, além do público das formações, o público alvo que representa mais de 90% dos visitantes do museu é o público escolar. Para esse público são estudadas estratégias que propiciem o ato reflexivo e dialógico, tendo bastante claro o entendimento de que o museu não é uma extensão da escola, mas um dispositivo parceiro. (RAMOS, 2004 apud VASCONCELLOS, 2005, p. 295)<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> RAMOS, F. R. L. **A danação do objeto:** o museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004

O desenvolvimento e aplicação bem sucedida desses programas, bem como das pesquisas que os antecedem e sucedem, evidenciam uma atuação diferenciada que um museu universitário pode ter, colaborando sobremaneira para a sensibilização da comunidade quanto às particularidades, potencialidades e importância dos museus.

#### **4.2.1 Serviço de Biblioteca e Documentação do MAE-USP**

A formação do Serviço de Biblioteca e Documentação do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo segue um caminho parecido com o da formação do acervo museológico do Museu, que data da década de 60, quando foi criado o Museu de Arte e Arqueologia (MAA).

Sem espaço adequado junto à primeira sede do MAE – Conjunto Residencial da USP (CRUSP) - o Serviço de Biblioteca e Documentação do MAE (SBD/MAE) passou por mudanças em sua localização, sendo primeiramente alocado junto aos departamentos de História e Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP) e, posteriormente, se juntando ao Museu no prédio que este ocupa desde fins de 1989, também na Cidade Universitária.

A política de desenvolvimento de coleções da BibMAE orienta todo o processo das aquisições, seja por meio de compra, permuta ou doação, sendo grande parte do acervo oriundo de doações feitas por parte de professores, ex-alunos e pesquisadores da área externos à USP. As compras são feitas majoritariamente a pedido dos docentes que encaminham suas solicitações à Comissão Técnica e Administrativa (CTA), encarregada de viabilizar a compra por meio de dotação de verba da Reitoria USP; de verba proveniente de alguma agência de fomento à pesquisa ou de reserva técnica de projetos de pesquisa ou dos laboratórios vinculados ao MAE.

Seja por meio de compra, doação ou permuta, todos os documentos somente são inseridos no acervo se forem pertinentes às linhas de pesquisa do Museu.

A Biblioteca do MAE reúne uma soma de cerca de 90.000 volumes entre livros, teses, folhetos, catálogos de exposição, obras especiais e/ou raras, CDs, DVDs, VHSs e periódicos nas áreas de Arqueologia clássica, médio-oriental e oriental, Arqueologia

africana, americana e brasileira, Pré-história geral e brasileira, Numismática clássica e bizantina, Etnologia africana, americana e brasileira, Museologia, Conservação e restauro. Dentre os cerca de 1500 títulos de periódicos, cerca de 360 são eletrônicos.

Por se tratar de uma biblioteca universitária especializada, associada a um museu que, além dos processos museológicos propriamente ditos, tem como forte alicerce os programas de pós-graduação, o tipo de usuário mais comum é o pesquisador especialista. Ainda assim, a biblioteca recebe número expressivo de alunos de ensino superior e, em menor número, alunos dos ensinos fundamental e médio.

Os funcionários são orientados a auxiliar o usuário desde a localização dos acervos na biblioteca – inclusive explicar a existência das outras salas de acervo fechado – até na utilização do catálogo online, DEDALUS.

Soma-se a isso, treinamentos individuais ou em grupo que visam capacitar o usuário a usufruir de catálogos online nacionais e internacionais, revistas online, base de dados, e-books e outros recursos multimídia.

De modo mais informal, há a constante troca de informações acerca dos serviços prestados pela biblioteca, do como utilizá-los, bem como a divulgação de todo tipo de ferramenta que possa interessar o usuário, que é feita por e-mail e pelas redes sociais, o que acaba sendo mais eficaz por se tratar de meios de acesso fácil e popular.

#### 4.3 MUSEU PAULISTA

O Museu Paulista (MP) é um museu polinucleado, composto pelo Museu do Ipiranga, localizado na cidade de São Paulo, e pelo Museu Republicano de Itu. Caracteriza-se por ser um museu universitário cujas atividades de pesquisa, ensino e extensão estão associadas às suas coleções.

O MP faz parte do programa de Pós-graduação Interunidades em Museologia, oferecendo disciplinas e desenvolvendo pesquisas. Há o oferecimento de disciplinas optativas para a graduação, além de possuir programas de estágio e iniciação científica.

Em seu plano museológico está estabelecido como uma de suas metas cumprir o artigo 3º do decreto de criação do Museu, de 1895, que estabelece como objetivo da instituição manter, além das coleções de ciências naturais, uma seção de História Nacional, bem como reunir documentos relacionados à independência do Brasil. (MUSEU PAULISTA, 2019, p. 6)

Apesar de criado em fins do século XIX, o Museu Paulista somente consolidou seu caráter voltado à pesquisa e à educação na década de 1960, quando da sua integração à Universidade de São Paulo. Tal passagem para museu universitário demandou uma reforma institucional importante, acontecida em 1990 com a atuação de Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses, professor, arqueólogo e museólogo vinculado ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Coube ao professor Ulpiano desenvolver o primeiro plano diretor do MP, no qual estabelece que o Museu seria um museu de História, com foco na cultura material da sociedade brasileira e que teria as seguintes linhas de pesquisa: Cotidiano e Sociedade, História do Imaginário e Universo do Trabalho. (MUSEU PAULISTA, 2019, p. 8)

Do plano diretor de Ulpiano até os dias atuais o museu alcançou maior autonomia dentro da universidade, fazendo com que sua estruturação e funcionamento passassem a seguir tanto as diretrizes gerais da USP quanto o seu regimento próprio.

Atualmente, seu regimento interno estabelece como instância decisória seu Conselho Deliberativo, seguido de comissões técnicas e estatutárias compostas por membros da casa. Além dessas comissões, há um conselho consultivo composto por representantes da sociedade civil, bem como artistas, empresários, professores e representantes do bairro. (MUSEU PAULISTA, 2019, p. 14)

Quanto ao desenvolvimento de suas atividades de pesquisa, ensino e extensão, todas elas partem da curadoria de suas coleções, curadoria aqui entendida “como atividade de pesquisa que qualifica as coleções, reunindo e explorando informações

extraídas da materialidade dos objetos, e de suas trajetórias como suporte de ações da sociedade.” (MUSEU PAULISTA, 2019, p. 27)

O processo curatorial é, portanto, uma cadeia de atividades essencial e específica dos museus, englobando desde a política de aquisição de acervo, passando pelo processamento técnico e conservação do acervo, até a sua extroversão, todas envolvendo pesquisa. (MUSEU PAULISTA, 2019, p. 27)

É justamente por conta da presença da pesquisa em todas as etapas do processo curatorial que é importante destacar as frentes que guiam esse processo:

a) Investigação histórica e historiográfica, cujo objetivo final é contribuir para a reflexão acerca da formação da sociedade do ponto de vista de sua cultura material;

b) Investigação de cunho museológico e documental, cujo objetivo é promover as formas de classificação dos acervos em estudo, seu acesso e identificação;

c) Investigação no campo da conservação de materiais, cujo objetivo é analisar os materiais, classificá-los e entender seu comportamento para o estabelecimento das melhores maneiras de conservá-los;

d) Investigação no campo da mediação e educação patrimonial, com a formulação de estratégias e produtos para a produção de expografia e de metodologias de difusão junto ao público espontâneo e escolar visitante do Museu Paulista. (MUSEU PAULISTA, 2019, p. 27)

O Museu Paulista, a partir de tais frentes em seu processo curatorial, bem como com o propósito de contemplar diversos públicos, tem concebido ações que demandam uma integração de seus diversos setores, como biblioteca, equipe de conservação e restauro, por exemplo. Essa visão organizacional integrativa demonstra uma sintonia entre os programas e projetos do museu, sua missão e suas linhas de pesquisa e atuação.

#### **4.3.1 Biblioteca do Museu Paulista**

A biblioteca do MP teve início junto com o museu, em 07 de setembro de 1895, constituindo hoje um importante apoio à pesquisa científica realizada na instituição. Por

ser uma biblioteca antiga, seu acervo cresceu bastante, possuindo hoje obras únicas, especialmente no campo da História do Brasil e mais especificamente de São Paulo.

Nos últimos vinte anos adquiriu um perfil especializado na área de História da Cultura Material, em vertentes como História do Consumo, Sociologia dos Objetos, Cultura Visual, História do Gosto, Patrimônio Cultural e Colecionismo, no campo dos Estudos de Objetos e de Iconografia - Indumentária, Mobiliário, Porcelanas, Brinquedos, Armaria, Numismática, Fotografias, Pinturas e outros – e no campo da Museologia em suas especialidades de Documentação de Acervos, Conservação e Restauração, Expografia e Educação em Museus. (MUSEU PAULISTA, 2022)

Hoje somam-se 39.831 livros e 39.019 fascículos de periódicos, além do acervo da Biblioteca do Museu Republicano de Itu, que tem como foco o estudo da República Brasileira.

Tanto o acervo da biblioteca do Museu do Ipiranga quanto da biblioteca do Museu Republicano de Itu encontram-se disponíveis no catálogo online da universidade e ambas oferecem serviços de empréstimo e COMUT para a comunidade universitária.

#### 4.4 MUSEU DE ZOOLOGIA

O acervo que viria a compor o atual Museu de Zoologia da USP é antigo, com mais de 100 anos, oriundo do acervo particular de Joaquim Sertório e do Museu Provincial, de 1877. (LANDIM, 2011, p. 205)

A reunião desse núcleo inicial recebeu o nome de Museu do Estado, em 1891, que sob administrações diversas, passou a ocupar o edifício monumento do Museu do Ipiranga. Segundo Landim, 2011, tal acervo passou por diferentes administrações e conformações, o que marcou a história do museu por reviravoltas de gestão e caráter institucional.

Além disso, outra característica marcante, e que é comum a todos os museus brasileiros criados em fins do século XIX, é a manutenção de fortes vínculos e influência com os museus europeus e estadunidenses, ditando inclusive a escolha de diretores e a presença expressiva de estrangeiros nos quadros funcionais.

Landim (2011) aponta que, entre 1893 e 1916, o Museu Paulista, que nesse momento abrigava o acervo do futuro Museu de Zoologia, foi dirigido por um zoólogo, o que contribuiu sobremaneira para a valorização da área e do cunho naturalista da instituição.(LANDIM, 2011, p. 205)

Da década de 1940 até fim da década de 1960, as coleções zoológicas do Museu Paulista passaram por outras instituições, mas em todas mantendo publicações científicas regulares, primeiro na Revista do Museu Paulista e depois na Revista Arquivos de Zoologia.

Apenas em 1969 as coleções foram incorporadas à USP já com a denominação de Museu de Zoologia (ALMEIDA, 2001, p. 58). De lá para cá o MZ se tornou um importante centro de pesquisas responsável por coleções fundamentais para a identificação de animais.

Atualmente oferece disciplinas para graduação e pós-graduação da USP, faz parte do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia, possui o programa de pós-graduação em Sistemática, Taxonomia Animal e Biodiversidade, e promove atividades de extensão para a comunidade universitária e público geral.

De acordo com levantamento feito pela Seção de Atividades Educativas do MZ-USP (MUSEU DE ZOOLOGIA, 2019), no período entre 2009 e 2011, o público principal do museu é o espontâneo, 85%, que o frequenta principalmente aos fins de semana. Outra parcela é o de estudantes e professores da rede formal de ensino, educação infantil e ensino fundamental. Outro público significativo é o especializado (universitário e profissionais) que buscam em sua maioria conhecer as coleções.

Tendo em vista que a maior parte do público que procura o museu é o espontâneo e o escolar, vale destacar a atuação do MZ nas atividades educativas, cujo projeto pedagógico tem como base a educação para a ciência dentro de espaços não formais de educação.

Segundo o projeto norteador de tais atividades, os objetivos a serem alcançados são:

1. Tornar o MZUSP um local no qual o acesso ao patrimônio cultural e natural seja efetivado de forma mais ampla e por toda a vida dos indivíduos de forma instigante e com voz própria.
2. Auxiliar professores na melhoria do ensino de Ciências e da Biologia oferecendo um olhar sobre a biodiversidade que nenhuma outra instituição poderia produzir por estar relacionado à pesquisa desenvolvida no MZ.
3. Apresentar a biodiversidade e suas transformações no tempo e no espaço mostrando o papel central que os seres humanos assumem na mudança das paisagens do planeta partindo, sempre que possível, de exemplos únicos das pesquisas realizadas na instituição ressaltando a singularidade da visita ao nosso museu.
4. Construir conceitos de Zoologia, Biodiversidade, Evolução, Patrimônio e Sustentabilidade com base no contato com os objetos expostos e as coleções existentes no MZUSP.
5. Permitir a aproximação do público com a cultura científica possibilitando a compreensão e a contemplação de seu acervo, relacionando a cadeia curatorial (da aquisição à comunicação) com a apresentação de respostas para algumas das crises ambientais atuais justificando o "conhecer para preservar" assim como o "preservar para conhecer. (MUSEU DE ZOOLOGIA, 2019, p. 2)

Com tais propósitos e a partir da ideia de uma atuação dinâmica, o MZ elaborou um programa de atividades que engloba: visita guiada à exposição, com foco no público escolar e elaboradas de acordo com o ano em que as crianças e os jovens estão matriculados; visita aos bastidores, com foco no público especializado; encontro com educadores, voltado para professores e agentes educacionais; palestras periódicas sobre as temáticas trabalhadas pelo museu, voltadas para a comunidade geral; empréstimos de materiais para uso em sala de aula, público-alvo é professores e estudantes; interação animal, voltada para o público em geral e conta com palestras sobre hábitos e comportamentos de grupos zoológicos; e, por fim, férias no museu, que é um programa especial de atividades que ocorrem só nos meses de férias escolares, voltado para o público em geral.

#### 4.4.1 Biblioteca do Museu de Zoologia

A Biblioteca do MZ-USP tem seu acervo originado da junção de diversos outros, uma vez que, juntamente com o museu, passou por diferentes afiliações e, assim, por diferentes políticas e instituições gestoras.

Atualmente, o acervo conta com cerca de 270 mil itens, entre livros, teses, seriados, mapas e material audiovisual, todos voltados à pesquisa e estudo em Zoologia e Evolução Biológica.

Com um público tão diversificado quanto o que frequenta o MZ, há uma demanda para a biblioteca se adequar a esse público potencial, de modo a abarcar o frequentador das exposições e atividades do Educativo.

A Biblioteca do MZUSP trabalha com o compromisso de proporcionar o acesso à informação, através da excelência na qualidade de atendimento que presta à comunidade científica, disponibilizando seu acervo e outros serviços. Hoje é considerada a mais completa e importante biblioteca de Zoologia no Brasil. (GUIMARÃES; LOURENÇO; SILVA, 2008, p. 3)

Uma das propostas decorrentes do interesse em ampliar o público da biblioteca foi a criação da Zooteca, espaço desenvolvido e gerido pela parceria da biblioteca com a Seção de Atividades Educativas, que durou alguns anos mas que, por falta de espaço e mudanças de gestão do museu, deixou de existir. (informação pessoal)

[...]a Zooteca deve ser inscrita como um serviço de informação que busca estabelecer relações de integração entre a pesquisa, educação e lazer; possibilitando ao usuário a recuperação da informação através da exposição, biblioteca e atividades educativas, permitindo o acesso do público escolar e familiar ao acervo bibliográfico da instituição. (GUIMARÃES; LOURENÇO; SILVA, 2008, p. 4)

Assim, a biblioteca, seu acervo e seus serviços passariam a contribuir sobremaneira para a efetividade do papel formador do museu, aberto e em diálogo com a sua comunidade, abraçando todos aqueles que o buscam.

A iniciativa da Zooteca é muito interessante para essa pesquisa já que exemplifica muito bem como pode se dar a atuação da biblioteca de museu universitário quando pensada de forma simbiótica, colaborativa com a instituição.

Guimarães, Lourenço e Silva (2008) revelam que a implantação da Zooteca exigiu o estabelecimento de um espaço adequado, uma nova política de desenvolvimento de coleções, já que passou-se a admitir materiais voltados para público não universitário, novos serviços, como treinamento para professores, contação de histórias e apoio ao desenvolvimento de trabalhos escolares nas áreas de Ciências e Biologia.

## 5 AGÊNCIA USP DE GESTÃO ACADÊMICA

O Sistema Integrado de Bibliotecas da USP (SIBi-USP), hoje denominado Agência USP de Gestão Acadêmica, foi criado em 1981 e desde então é o responsável por gerenciar e administrar o conjunto de 48 bibliotecas da USP.

Reis (2008) aponta que instituição de um sistema integrado de bibliotecas teve como bons argumentos a maior economia de recursos, uma vez que dificulta a duplicação de acervo, facilita a racionalização de pessoal bem como fomenta uma melhor qualidade dos serviços e uma melhor aplicação dos recursos economizados em instalações mais adequadas. (REIS, 2008, p. 66, apud NUNES; CARVALHO, 2016, p. 185).<sup>14</sup> Por outro lado, Pasquarelli et al (1988) complementa que a criação e implantação do SIBi, foi uma resposta, por meio de esforço cooperativo, às demandas da comunidade universitária. (PASQUARELLI et al., 1988, p. 59)

Para que o projeto do SIBi fosse iniciado, foi preciso realizar um diagnóstico das bibliotecas da universidade, de modo a enxergar a real situação de cada uma delas, seus aspectos organizacionais, seus recursos materiais e humanos. Tal diagnóstico foi feito por um grupo de trabalho em 1979 e apresentado à reitoria.

[...] apesar dos obstáculos encontrados para realização desse levantamento, principalmente em razão do número de bibliotecas e de suas organizações heterogêneas, foi possível concluir-se o trabalho, que evidenciou a não existência de um sistema de bibliotecas na USP e sim de "uma multiplicidade de

---

<sup>14</sup> REIS, M. B. **Biblioteca universitária e a disseminação da informação**. 2008. 260f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

bibliotecas, representando os mais diversos níveis de organização e de serviços...todas, porém, isoladas restringindo seu relacionamento ao intercâmbio informal entre bibliotecas congêneres e [...] trazendo como consequência duplicações desnecessárias de acervos e serviços. (PASQUARELLI et al., 1988, p. 60)

Em 8 de julho de 1981, pela resolução nº 2226, o Sistema Integrado de Bibliotecas da USP foi criado, iniciando de fato suas atividades somente em 1982, uma vez que a implantação encontrou dificuldades importantes.

Dentre as principais dificuldades encontradas, segundo Pasquarelli (1988), foi a tradição histórica, a distribuição geográfica, o número elevado de bibliotecas, a pluralidade de estruturas administrativas, de recursos humanos, físicos e financeiros, bem como a diversificação no tratamento técnico da informação, no atendimento ao usuário e nos procedimentos e metodologias de serviços que cada uma das bibliotecas desenvolvia.

Tais obstáculos foram superados à medida que as diretrizes do SIBi foram sendo definidas e implementadas, de modo a homogeneizar e, assim, facilitar o atendimento dos objetivos do Sistema.

Atualmente, o sistema está consolidado, mas sua atuação tem variado ao longo do tempo, de acordo com os vieses de cada gestão reitoral, implicando, portanto, em maior ou menor investimento. De toda forma, o SIBi conseguiu padronizar seu catálogo e políticas, o que facilitou muitos dos serviços mas, em contrapartida, contribuiu para a descaracterização das particularidades de cada uma de suas bibliotecas.

## **6 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS**

A análise dos dados obtidos por meio dos sites institucionais, planos museológicos, projetos acadêmicos e anuário estatístico, bem como através dos regimentos de cada museu aqui estudado e suas respectivas bibliotecas, expõe duas dimensões: a do ideal, refletida nas missões e objetivos de cada museu, e a dimensão da realidade, transparecida nos diagnósticos disponibilizados, nos números expressos no

anuário estatístico ou ainda nas lacunas encontradas entre o que se espera de museus universitários - e, a partir disso, de suas bibliotecas - e o que de fato é realizado.

Importante pontuar que alguns museus disponibilizam mais informações que outros, o que dificultou que fossem apresentados tipos de informações equivalentes em todos os casos. Assim, documentos oficiais atualizados como o plano museológico, somente o MAC e o MP disponibilizam, já os projetos acadêmicos, apenas o MAE e o MAC. Quanto aos regimentos, por serem documentos que registram a existência desses museus como unidades dentro da USP, todos possuem e estão disponíveis. Quanto aos sites institucionais, os quatro museus possuem, porém nem todos apresentam dados completos tanto em relação ao próprio museu quanto em relação às suas bibliotecas.

O MZ, por sua vez, disponibilizou, por meio da educadora Márcia Lourenço Fernandes, o projeto pedagógico da instituição, que foi de grande importância, porém não oferece dados relativos ao museu como um todo, mas sim apenas à sua seção educativa.

Importante também pontuar que o MP, como já mencionado, é uma instituição polinucleada, composta pelo Museu do Ipiranga e pelo Museu Republicano de Itu. Entretanto, nos dados do anuário estatístico da USP não há discriminação de números relativos a cada um desses núcleos, mas sim ao conjunto. Assim, número de visitantes, número de cursos e disciplinas oferecidos, etc. se referem ao todo, não sendo possível discernir o que compete a cada uma das partes.

Diante disso, a análise a seguir se concentra fundamentalmente nas missões e objetivos de cada museu e de cada biblioteca, uma vez que são informações disponíveis para os quatro casos aqui estudados - com exceção da biblioteca do MP, que não disponibilizou a sua missão em nenhum local oficial - nos trechos dos planos museológicos e acadêmicos que trazem de alguma forma um diagnóstico e nos dados obtidos por meio do anuário estatístico de 2020, que reflete os números de 2019, ou seja, anterior à pandemia e que, dessa forma, permite um cotejo mais bem alicerçado.

A fim de respaldar às observações feitas, seguem abaixo tabelas contendo dados referentes às missões, objetivos e atividades de cada museu e, em seguida, de cada respectiva biblioteca.

**Quadro 1 - Missão, objetivos e atividades dos museus estatutários da USP**

<b>MISSÃO, OBJETIVOS E ATIVIDADES DOS MUSEUS ESTATUTÁRIOS DA USP</b>				
	<b>MAC</b>	<b>MAE</b>	<b>MP</b>	<b>MZ</b>
<b>Missão</b>	Desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão sobre seus acervos de artes visuais (moderna e contemporânea), bibliográfico e arquivístico, nas áreas de História, Teoria e Crítica de Arte e Processos Museológicos, bem como promover sua conservação, proteção, ampliação e reconhecimento como patrimônio relevante; incentivar o intercâmbio científico e cultural com instituições afins e fomentar a produção artística contemporânea, estimulando e fortalecendo relações entre o patrimônio, o conhecimento acadêmico e a sociedade.	O MAE tem por missão desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão universitária em arqueologia, etnologia e museologia, promovendo o estudo, a proteção, a valorização e a comunicação do patrimônio arqueológico e etnológico brasileiro, bem como as coleções de origem externa integrantes do seu acervo.	Promover a educação em todos os níveis e desenvolver atividades de extensão e cultura tendo como referência o patrimônio material que coleta e conserva, por meio da produção de conhecimento científico sobre a formação histórica da sociedade brasileira.	Contribuir com o avanço científico e o estabelecimento de políticas públicas em Biodiversidade através da pesquisa científica de qualidade integrada ao ensino e referenciada por padrões internacionais. Formar docentes pesquisadores de excelência através dos seus programas de pós-graduação e pós-doutoramento e contribuir com o ensino de graduação de forma indissociável de suas atividades de pesquisa. Oferecer produtos culturais e educação não formal (extensão) aos diversos segmentos da sociedade através de suas exposições públicas de longa duração, temporárias e itinerantes. Estas missões consubstanciam-se nos seus acervos, em torno dos quais se organizam as atividades de pesquisa, ensino, extensão e de fiel depositário dos testemunhos materiais da biodiversidade.
<b>Objetivos</b>	Como objetivos institucionais, o MAC	I – ministrar o ensino de graduação e de	• Desenvolver pesquisa na área de história e cultura	I – zelar pela formação,

	<p>USP deve executar procedimentos curatoriais, desenvolver pesquisas interdisciplinares, ministrar o ensino de graduação e de pós-graduação, editar publicações técnicas e científicas, manter intercâmbio científico e cultural com instituições afins do Brasil e do exterior e propiciar condições para o desenvolvimento de projetos artísticos.</p>	<p>pós-graduação;</p> <p>II – desenvolver pesquisas interdisciplinares;</p> <p>III – executar procedimentos curatoriais;</p> <p>IV – editar publicações técnicas e científicas;</p> <p>V – manter intercâmbio científico e cultural com instituições afins do Brasil e do exterior.</p>	<p>material da sociedade brasileira;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Desenvolver pesquisas nas áreas de museologia, educação museal e nas áreas de conservação/restauração e documentação de acervos históricos, contribuindo para o desenvolvimento de tecnologias;</li> <li>Promover a curadoria, isto é, o estudo sistemático das coleções que compõem o acervo institucional, contribuindo para a ampliação do conhecimento científico sobre a formação histórica da sociedade brasileira e para o enriquecimento da historiografia brasileira;</li> <li>Garantir o crescimento e a criação de coleções de objetos, imagens e textos entendidas como matéria-prima para pesquisa e exposições;</li> <li>Conservar, documentar e garantir a salvaguarda de seus acervos, considerados patrimônio nacional;</li> <li>Atuar na formação acadêmica complementar destinada a alunos de graduação da USP por meio de estágios, orientação de iniciação científica e oferecimento de disciplinas optativas eletivas e livres;</li> <li>Fomentar o Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia (PPGMUS) da USP (do qual o Museu Paulista é membro institucional) e estimular o credenciamento dos docentes em outros programas de pós-graduação da USP;</li> <li>Colaborar com a rede de ensino fundamental e médio por meio de oficinas, visitas guiadas e outras atividades educativas;</li> <li>Promover a extensão do conhecimento científico à comunidade por meio de cursos e ações de cunho cultural e educativo contemplando diversos públicos do Museu.</li> </ul>	<p>crescimento, guarda, conservação, preservação, proteção, valorização, interpretação e acesso ao seu acervo através da execução de procedimentos curatoriais;</p> <p>II – ministrar o ensino de graduação, sempre em conjunto com outras Unidades da USP, através do oferecimento de disciplinas optativas;</p> <p>III – ministrar o ensino de pós-graduação, por meio de Programa de Pós-Graduação próprio; e/ou Programa de Pós-Graduação interunidades;</p> <p>IV – desenvolver pesquisas através do seu próprio corpo de pesquisadores docentes e promover a pesquisa facultando o acesso aos seus acervos e infraestrutura;</p> <p>V – conceber, organizar e montar exposições públicas;</p> <p>VI – editar publicações científicas e técnicas;</p> <p>VII – manter intercâmbio científico e cultural com instituições afins do Brasil e do exterior; e</p> <p>VIII – zelar pelo crescimento, guarda, conservação, preservação, proteção, valorização e acesso ao seu acervo bibliográfico por meio de sua biblioteca.</p>
<b>Atividades</b>	<p>Docência em nível de graduação e pós-graduação</p> <p>- Pesquisas acadêmicas</p>	<p>Programas de pós-graduação em Arqueologia (mestrado e doutorado) e Museologia</p>		<p>Oferece disciplinas para graduação e pós-graduação da USP, faz parte do</p>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Eventos e atividades acadêmicas</li> <li>- Atividades de extensão universitária</li> <li>- Guarda, documentação e gestão de acervo de artes visuais, arquivístico e bibliográfico</li> <li>- Biblioteca especializada em artes visuais</li> <li>- Exposições</li> <li>- Ações Educativas e</li> <li>- Publicações</li> </ul>	(mestrado); oferecimento de disciplinas optativas para graduação; cursos de extensão; exposições; atividades educativas; visitas à reserva técnica visitável; empréstimos de acervo museológico; pesquisas voltadas ao acervo e a temas ligados à História, Arqueologia, Etnologia e Museologia e áreas afins.		Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia e promove atividades de extensão para a comunidade universitária e público geral.
--	---	--	--	---

Fonte: dados retirados dos sites institucionais dos museus estudados (quadro elaborado pela autora)

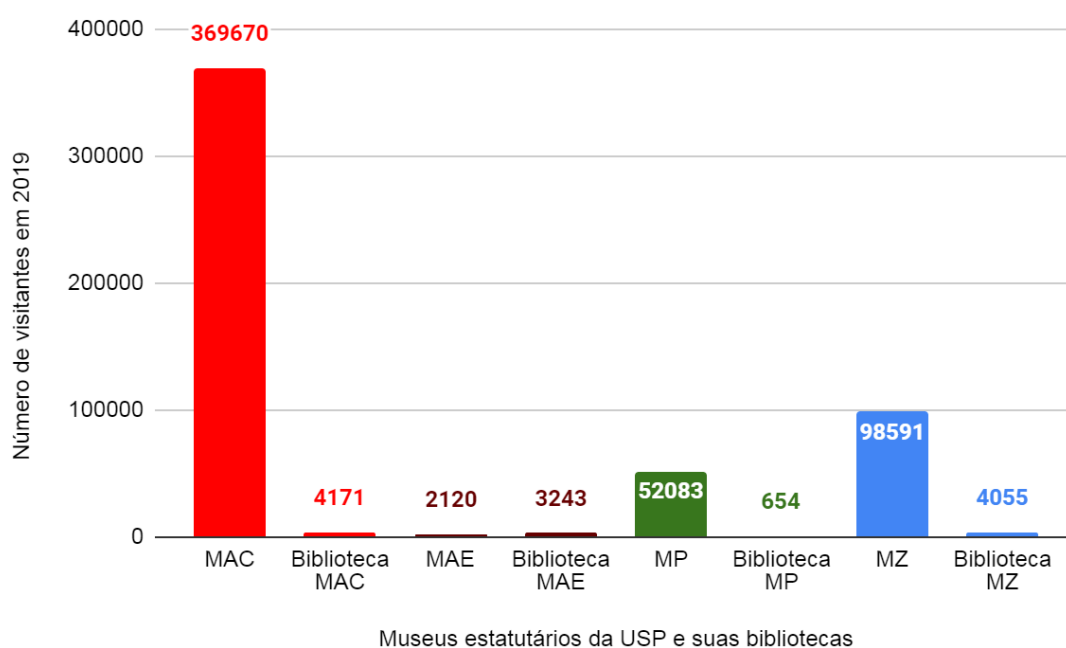
## Quadro 2 - Missão, objetivos e serviços das bibliotecas dos museus estatutários da USP

MISSÃO, OBJETIVOS E SERVIÇOS DAS BIBLIOTECAS DOS MUSEUS ESTATUTÁRIOS DA USP				
	Biblioteca do MAC	Biblioteca do MAE	Biblioteca do MP	Biblioteca do MZ
<b>Missão</b>	Propiciar acesso à informação necessária ao desenvolvimento da pesquisa e extensão nas áreas de atuação do Museu de Arte Contemporânea.	Prestar serviços e gerar produtos que assistam, apoiem e incentivem integralmente as atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas no MAE e na Universidade, com vistas a fomentar uma incessante e profícua troca e geração de conhecimento.		Promover para a comunidade científica o acesso a informação e serviços de qualidade, contribuindo para a excelência do Ensino, Pesquisa e Extensão, na área de Zoologia e afins.
<b>Objetivos</b>	Ser uma biblioteca eficaz e eficiente no atendimento à comunidade usuária.	Constituir-se e atuar com excelência como um Centro de Informação e Referência em Arqueologia e Museologia no Brasil.	<p>I – promover o desenvolvimento da coleção de seu acervo bibliográfico em apoio ao ensino e pesquisa, atendendo aos docentes, especialistas e usuários pertencentes ou não à comunidade de usuários da Universidade de São Paulo;</p> <p>II – desenvolver políticas de preservação e conservação de coleções;</p> <p>III – facilitar a disseminação da informação, contribuindo com a geração do conhecimento institucional;</p> <p>IV – capacitar os</p>	Ser reconhecida pelo nosso cliente como uma Biblioteca inovadora que assegure o maior número de recursos e serviços diferenciados, para a formação e desenvolvimento da pesquisa e educação em Zoologia.

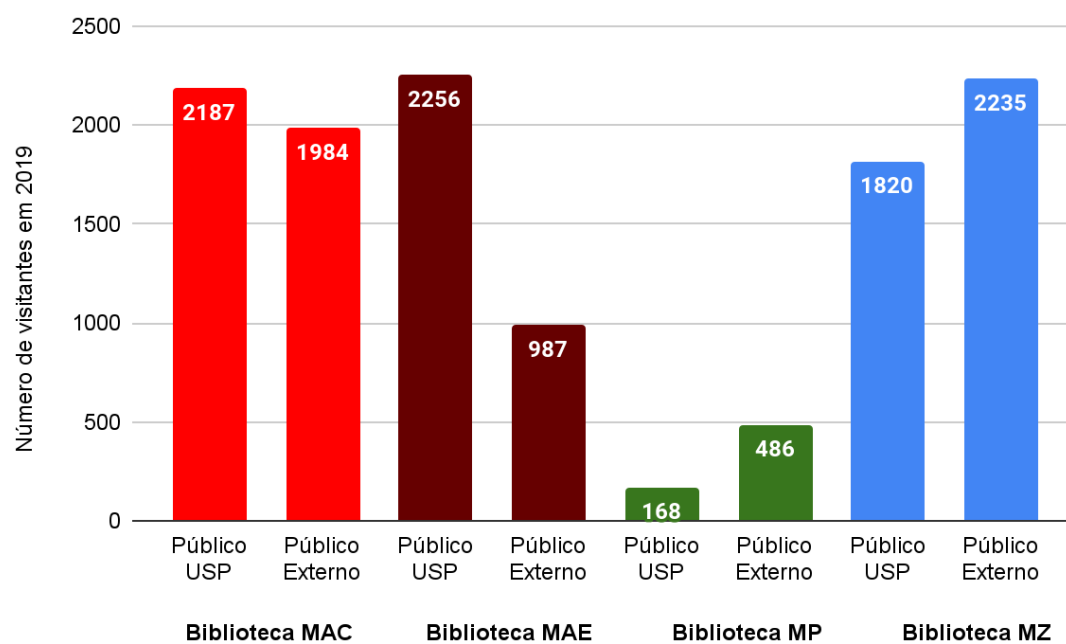
			usuários quanto ao uso dos recursos informacionais impressos e/ou eletrônicos; V – permitir o acesso às informações através dos serviços de consulta, empréstimo domiciliar, empréstimo entre bibliotecas e comutação bibliográfica; VI – manter intercâmbio bibliográfico com entidades afins; VII – controlar a reprodução e/ou uso de imagens do acervo bibliográfico, preservando os direitos de propriedade intelectual; e VIII – contribuir com as atividades expositivas e eventos do Museu.	
<b>Serviços</b>	I.Empréstimo entre-Bibliotecas II. Videoteca III.Pesquisa em Hemeroteca IV. Pesquisa em base de dados Art Index V. Permuta/Intercâmbio de publicações VI.Pesquisa em revistas eletrônicas VII. Reserva de documentos para leitura VIII.Transmissão de artigos de via para outras Bibliotecas IX.Renovação de empréstimo por telefone.	I.Comutação bibliográfica II.Empréstimo domiciliar III. Empréstimo entre bibliotecas IV. Ficha catalográfica V. Sacolas retornáveis VI. Treinamentos VII. Visitas monitoradas	Serviços de empréstimo entre bibliotecas e COMUT.	I. Aquisição de Publicações II. Comutação Bibliográfica III. Comut “On-Line” IV. Comutação entre Bibliotecas USP (Comut-Grupo-USP) V. Empréstimo Entre Bibliotecas VI. Solicitação de Fichas Catalográficas VII. Normalização Técnica de Documentos

Fonte: dados retirados dos sites institucionais dos museus estudados (quadro elaborado pela autora)

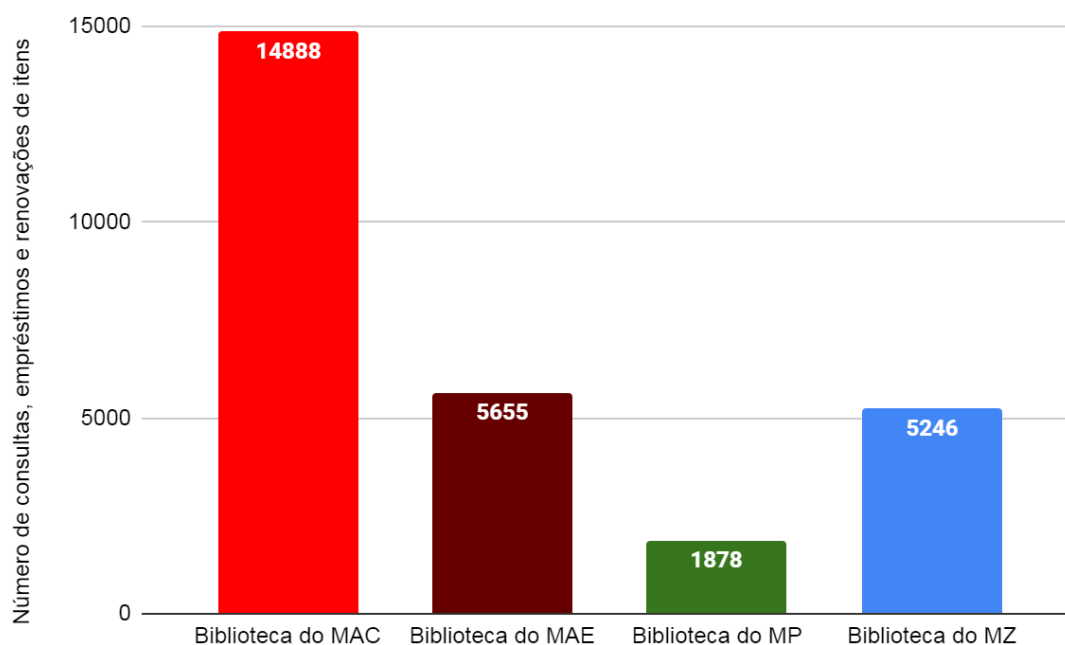
Devido à pandemia em 2020 e em boa parte de 2021, que obrigou o fechamento dos museus e bibliotecas da Universidade de São Paulo, os dados relativos à visitação e demais atividades de atendimento à comunidade, bem como os números relacionados à comunidade de cada uma das instituições - número de alunos, professores e funcionários - foram retirados do anuário 2020 que apresenta dados de 2019, último ano com as atividades presenciais acontecendo normalmente.

**Figura 1** - Público visitante em 2019: museus e suas bibliotecas

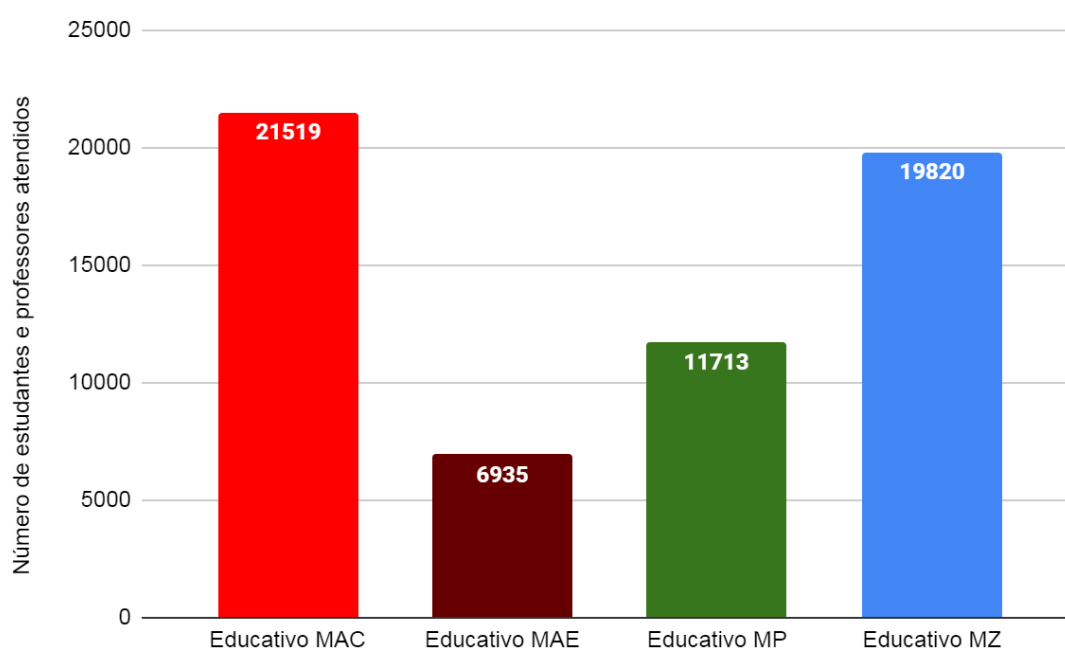
Fonte: dados retirados do anuário estatístico da USP 2020 (gráfico elaborado pela autora)

**Figura 2** - Público visitante das bibliotecas em 2019, por tipo: público externo e público USP

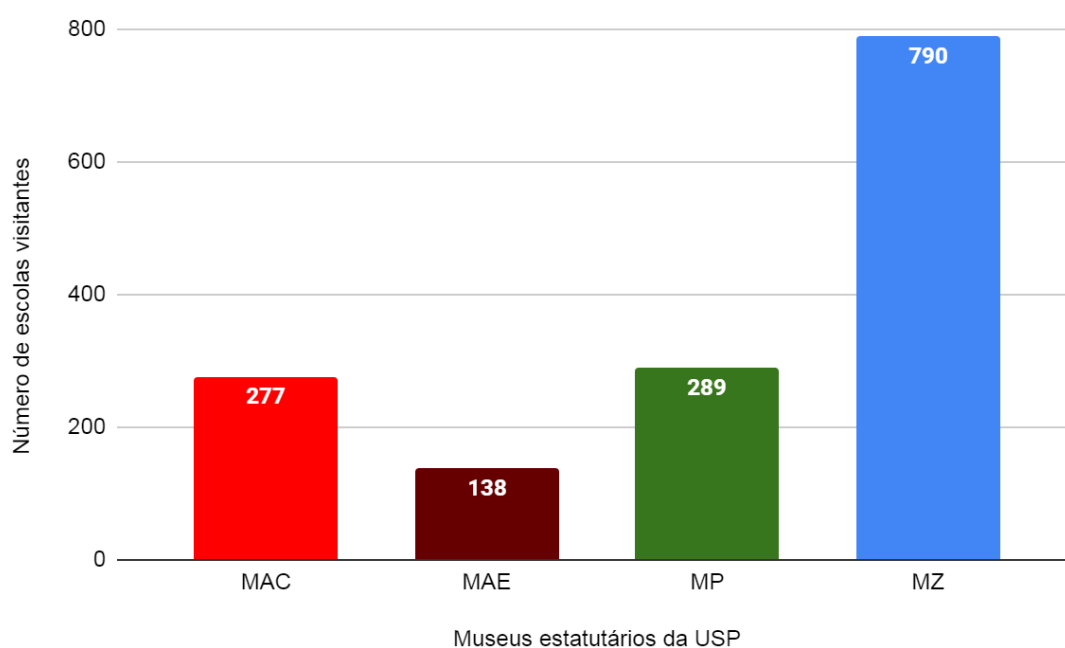
Fonte: dados retirados do anuário estatístico da USP 2020 (gráfico elaborado pela autora)

**Figura 3** - Circulação do acervo das bibliotecas (empréstimos, renovações e consultas)

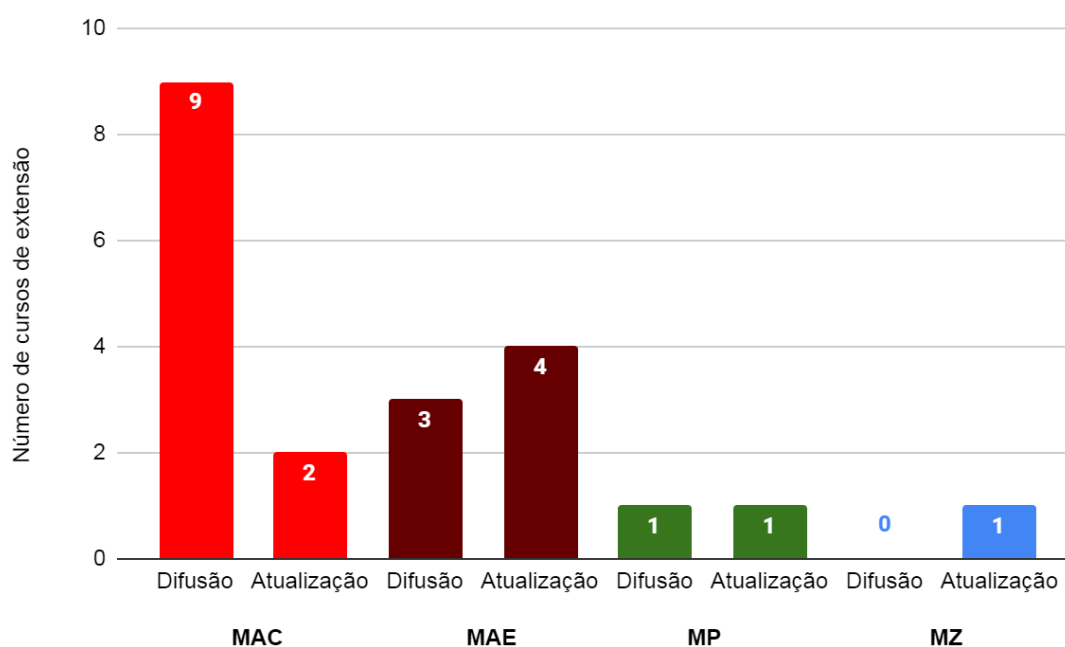
Fonte: dados retirados do anuário estatístico da USP 2020 (gráfico elaborado pela autora)

**Figura 4** - Estudantes e professores atendidos pelo Educativo dos museus estatutários da USP

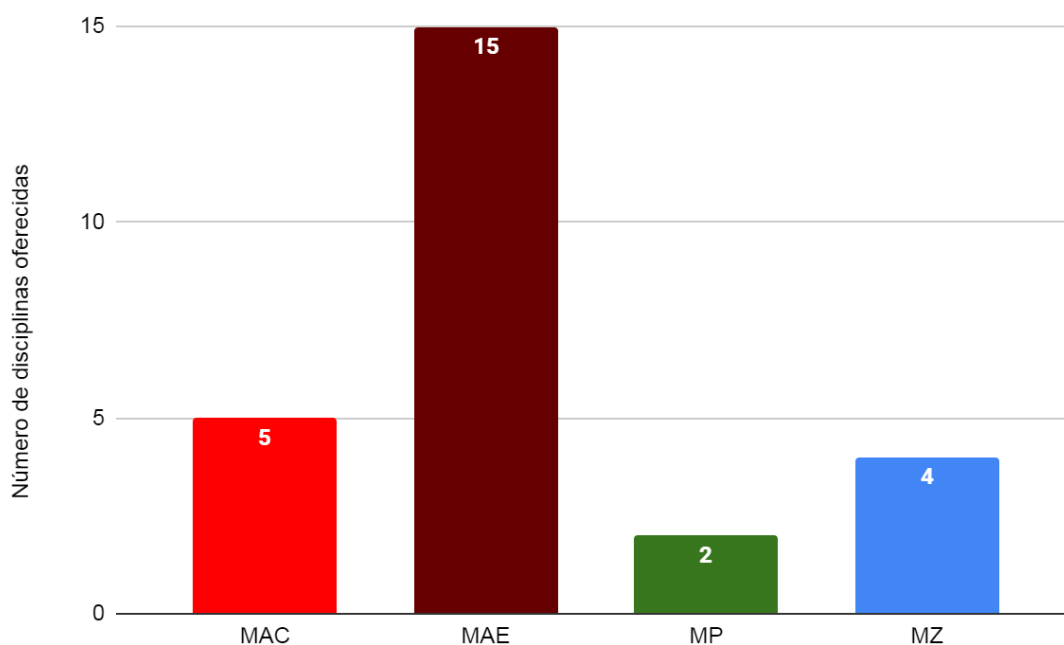
Fonte: dados retirados do anuário estatístico da USP 2020 (gráfico elaborado pela autora)

**Figura 5** - Escolas visitantes em 2019

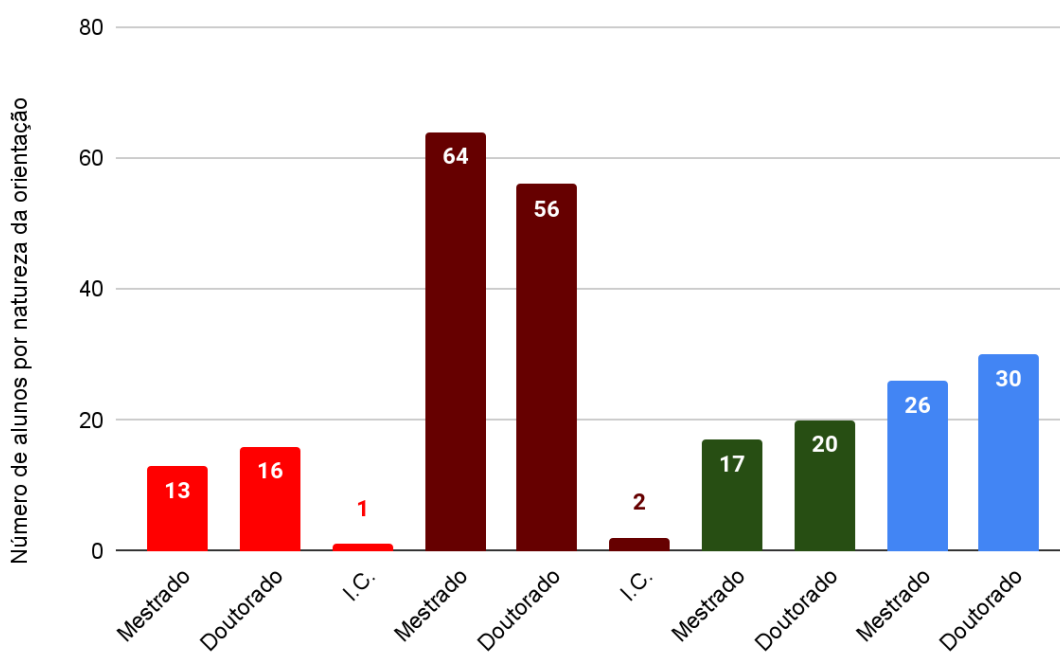
Fonte: dados retirados do anuário estatístico da USP 2020 (gráfico elaborado pela autora)

**Figura 6** - Cursos de extensão ministrados nos museus estatutários da USP em 2019

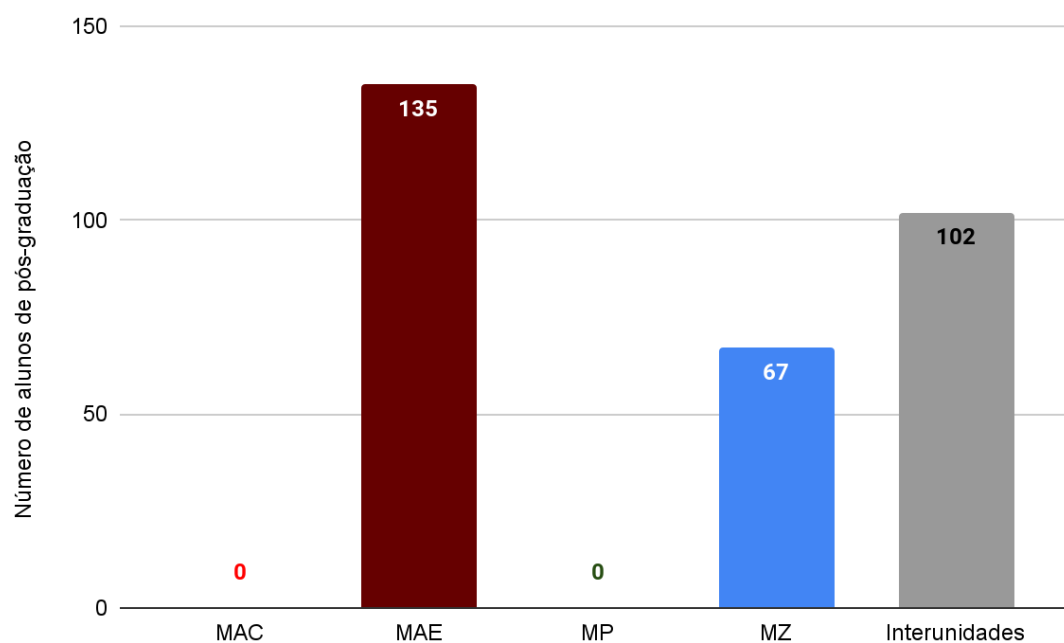
Fonte: dados retirados do anuário estatístico da USP 2020 (gráfico elaborado pela autora)

**Figura 7 - Disciplinas oferecidas para a graduação em 2019**

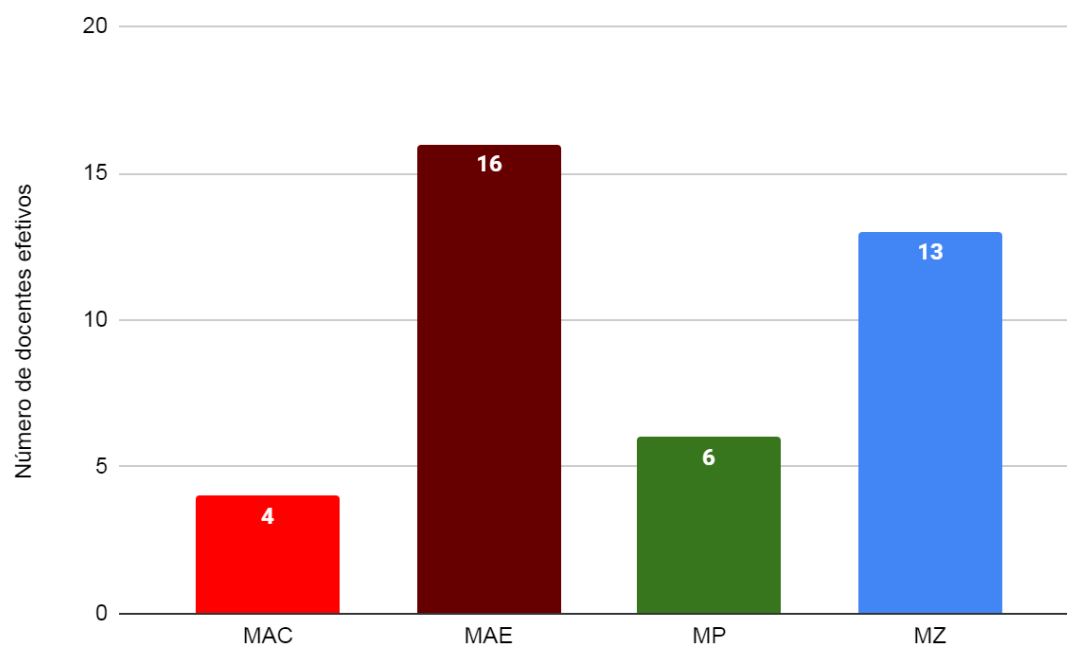
Fonte: dados retirados do anuário estatístico da USP 2020 (gráfico elaborado pela autora)

**Figura 8 - Número de alunos orientados por docentes de cada museu dividido por natureza da orientação em 2019**

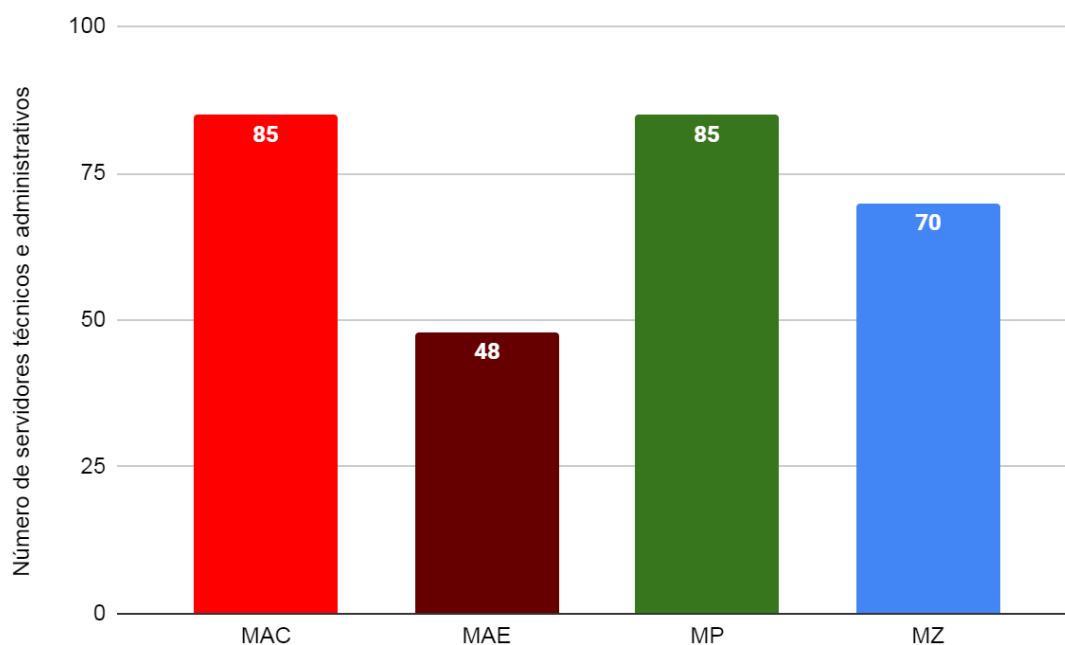
Fonte: dados retirados do anuário estatístico da USP 2020 (gráfico elaborado pela autora)

**Figura 9 - Alunos de pós-graduação em 2019**

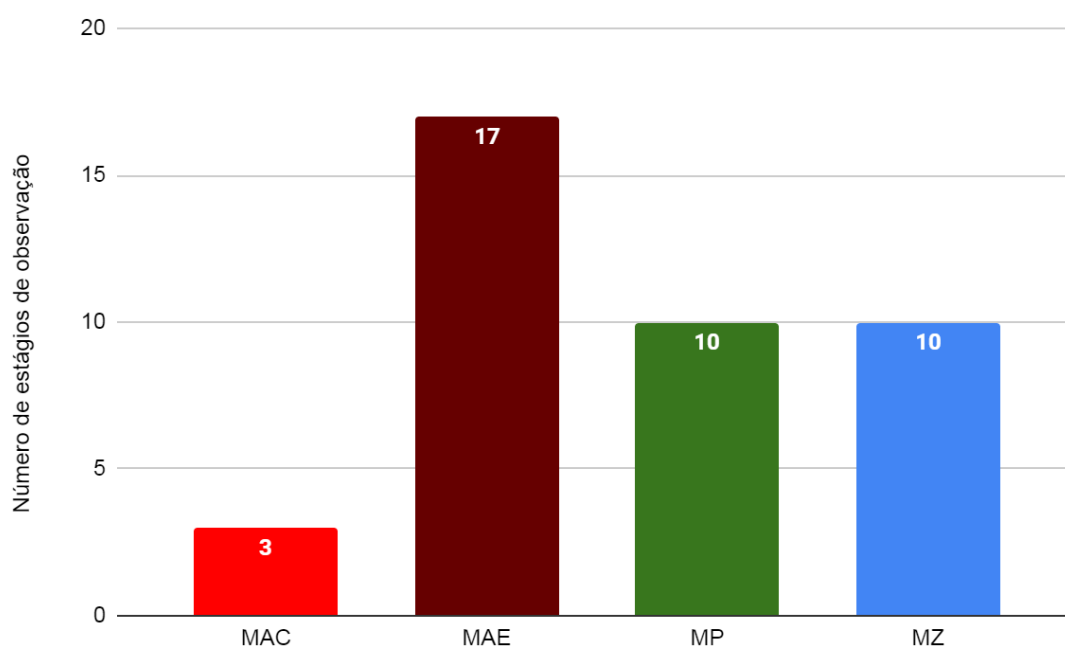
Fonte: dados retirados do anuário estatístico da USP 2020 (gráfico elaborado pela autora)

**Figura 10 - Quadro de docentes efetivos em 2019**

Fonte: dados retirados do anuário estatístico da USP 2020 (gráfico elaborado pela autora)

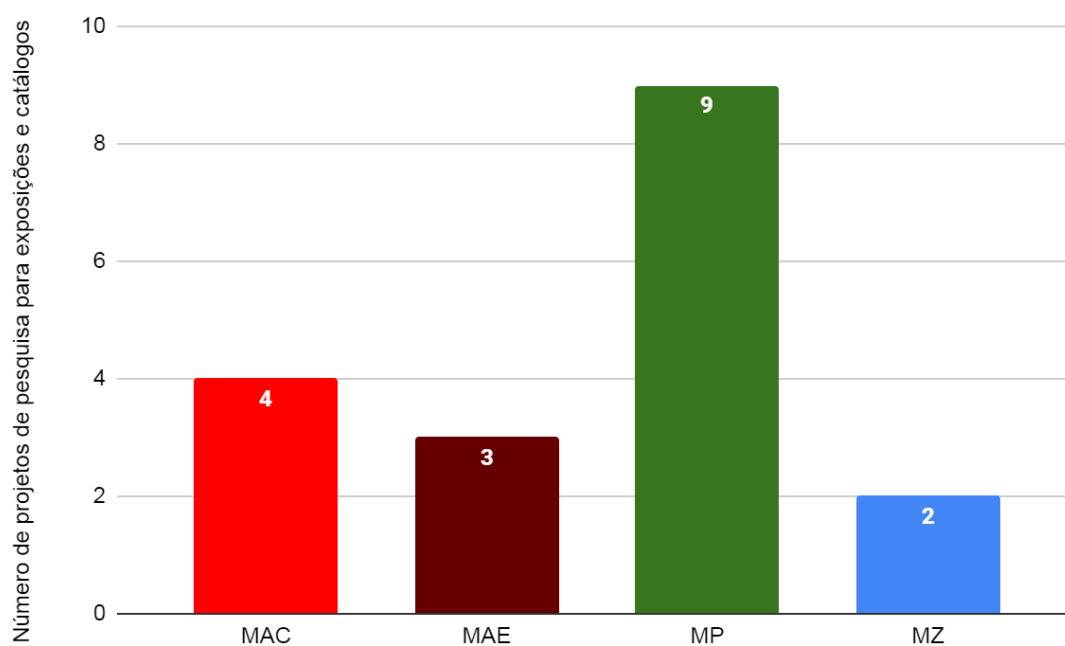
**Figura 11** - Quadro de servidores técnicos e administrativos

Fonte: dados retirados do anuário estatístico da USP 2020 (gráfico elaborado pela autora)

**Figura 12** - Estágios de observação realizados nos museus estatutários da USP em 2019

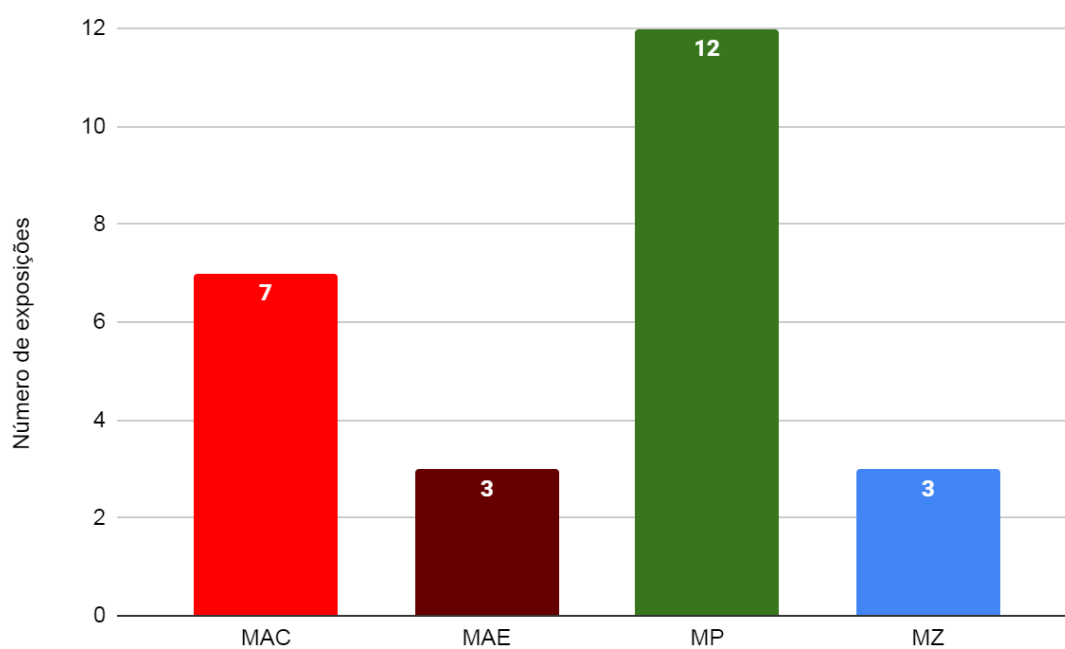
Fonte: dados retirados do anuário estatístico da USP 2020 (gráfico elaborado pela autora)

**Figura 13** - Projetos de pesquisa para exposições e catálogos (por agências de fomento, financiamento externo ou financiamento próprio)

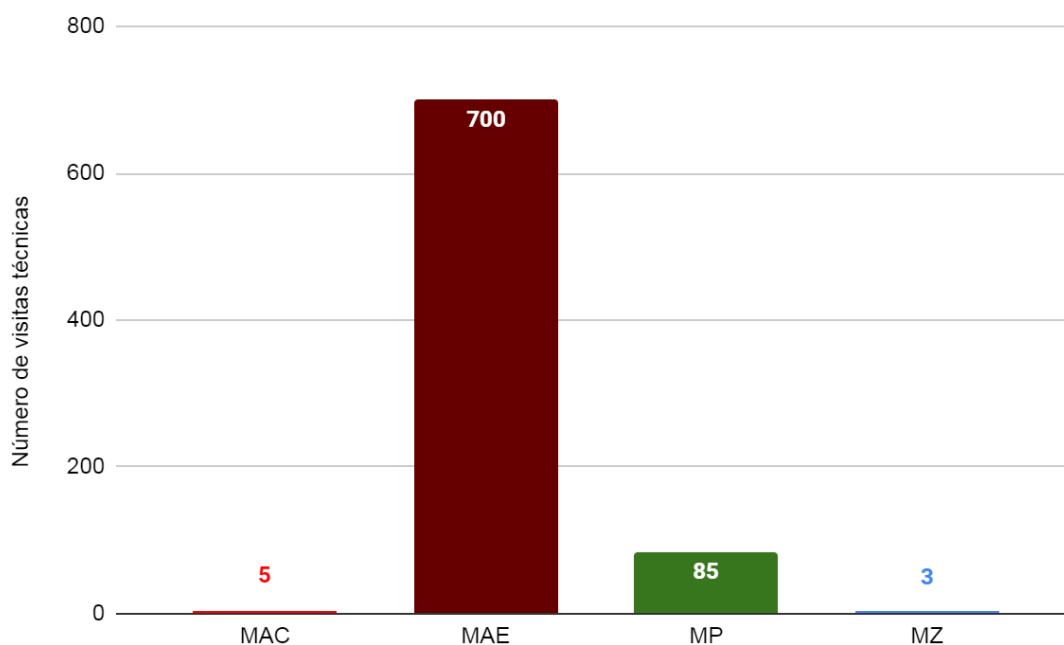


Fonte: dados retirados do anuário estatístico da USP 2020 (gráfico elaborado pela autora)

**Figura 14** - Exposições de longa duração, temporárias ou itinerantes



Fonte: dados retirados do anuário estatístico da USP 2020 (gráfico elaborado pela autora)

**Figura 15 - Visitas técnicas**

Fonte: dados retirados do anuário estatístico da USP 2020 (gráfico elaborado pela autora)

**Quadro 3 - Atividades de curadoria e pesquisa para exposições e catálogos - número de participantes na equipe em 2019**

MAC				
		Docentes	Especialistas	Orientandos e estagiários
	Exposições temporárias	1	20	1
	Exposições de longa duração	0	0	62
	Projetos de pesquisa	2	0	1
MAE				
		Docentes	Especialistas	Orientandos e estagiários
	Exposições temporárias	2	14	27
	Exposições de	0	0	0

	<b>longa duração</b>			
	<b>Projetos de pesquisa</b>	2	5	0
<b>MP</b>				
		<b>Docentes</b>	<b>Especialistas</b>	<b>Orientandos e estagiários</b>
	<b>Exposições temporárias</b>	3	10	7
	<b>Exposições de longa duração</b>	2	3	16
	<b>Projetos de pesquisa</b>	2	5	15
<b>MZ</b>				
		<b>Docentes</b>	<b>Especialistas</b>	<b>Orientandos e estagiários</b>
	<b>Exposições temporárias</b>	4	2	15
	<b>Exposições de longa duração</b>	1	4	25
	<b>Projetos de pesquisa</b>	1	2	3

Fonte: dados retirados do anuário estatístico da USP 2020 (quadro elaborado pela autora)

A partir dos dados obtidos e apresentados, é importante observar que a resolução 5900, de 23 de dezembro de 2010, que concede aos quatro museus aqui estudados maior autonomia e representatividade na Universidade, em seu artigo 5º, estabelece que “os museus serão organizados em função das respectivas missões, objetivos e estratégias de gestão acadêmica, pautadas no processo curatorial vinculado aos acervos.” (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2010)

Analisando as informações apresentadas como missão pelos museus, é possível constatar que há de fato um direcionamento que visa satisfazer a resolução supracitada, já que todos pontuam como missão o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão em suas respectivas áreas e a partir de seus acervos, o que denota o caráter museológico e universitário impresso na ideia base dessas instituições.

Quanto aos objetivos, os museus elencam o desenvolvimento de pesquisas interdisciplinares, execução de procedimentos curatoriais, oferecimento de disciplinas de graduação e pós-graduação, publicações científicas e técnicas, manutenção de intercâmbio científico e cultural com instituições afins no Brasil e no exterior.

Todos objetivam também oferecer complemento à formação dos graduandos da universidade por meio de estágios e orientação de iniciação científica, bem como fomentar o credenciamento de seus docentes em programas de pós-graduação além dos programas de pós-graduação oferecidos pelo próprio museu.

Por fim, faz parte dos objetivos desses museus o oferecimento de atividades educativas para alunos da rede formal de ensino e de cursos e outras ações científico-culturais à comunidade geral.

Quanto aos serviços prestados está a gestão dos programas de pós-graduação específicos de cada museu e do Programa de Pós-Graduação Interunidades, do qual os quatro museus fazem parte, demandando, portanto, o oferecimento de disciplinas e orientações de pesquisa.

Vale ressaltar que, apesar de o PPGMus – Programa de Pós-Graduação em Museologia - ser um programa de responsabilidade dos quatro museus, a organização do processo seletivo, bem como a guarda e desenvolvimento do acervo bibliográfico voltado para Museologia estão centralizadas no MAE.

Esses museus buscam oferecer também disciplinas optativas para a graduação USP, cada um de acordo com suas linhas de pesquisa e corpo docente; realizar pesquisas, eventos e atividades acadêmicas; guarda, conservação e preservação de acervo museológico, bibliográfico e arquivístico; exposições; atividades educativas; atividades de extensão; publicações científicas periódicas.

É importante dizer que as missões e objetivos estabelecidos por esses museus refletem muito mais uma meta a ser alcançada do que necessariamente a realidade de sua atuação. Isso pode ser verificado de forma mais evidente nos projetos acadêmicos e planos museológicos que apresentam em alguma medida um diagnóstico da instituição, bem como nos dados obtidos pelo anuário estatístico da universidade.

No caso do MAC, em seu plano museológico há a explícita referência a um desequilíbrio entre a atuação do museu no campo museológico e no campo universitário. Foi constatado um distanciamento entre a seara acadêmica e a museológica, o que merece atenção e readequação das atividades para fomentar uma maior articulação entre elas.

Evidenciado nas reuniões com as equipes do MAC USP, o distanciamento entre a missão universitária (pesquisa, ensino e extensão) e os pressupostos museológicos é refletido no cotidiano institucional, na priorização de trabalhos e nos fluxos de informação. A afinação de propósitos e a eliminação de paralelismos depende do “entranhamento” dos conhecimentos e dos valores acadêmicos no cotidiano de atividades e no encadeamento de ações de salvaguarda, pesquisa e comunicação. Do mesmo modo, é preciso atenção para que as diretrizes e demandas universitárias não ofusquem as funções patrimonial e social, precípuas de um museu. (MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA, 2018, p. 55)

Esse tipo de distanciamento e maior ou menor desenvolvimento de determinadas atividades é visto nos quatro museus, o que ratifica o que já foi comentado nesta pesquisa, que é a dificuldade de os museus universitários estabelecerem na teoria e na prática um perfil bem estruturado ou, ainda, de terem seu perfil específico reconhecido pela universidade.

Dos quatro museus, o MAC é o que apresenta menor número de docentes e o maior de servidores técnicos administrativos - juntamente com o MZ, que possui o mesmo número de servidores técnicos administrativos -, 4 e 85, respectivamente. Quanto aos alunos vinculados especificamente a ele, não possui nenhum, visto que não possui programa de pós-graduação específico da unidade, bem como curso de graduação.

Como integra o PPGMus, possuiu, em 2019, 29 alunos com desenvolvimento de pesquisas sob orientação de seus docentes . Ofereceu 5 disciplinas para graduação e, para a comunidade em geral, ofereceu 9 cursos de difusão e 2 de atualização.

Diferentemente de seus números acadêmicos, os números relacionados às atividades da curadoria são bem mais elevados, computando 7 exposições somente no ano de 2019, alcançando um público de 1.433.931 pessoas.

Seu serviço educativo também apresentou um número considerável de atendimentos, sendo um total de 21.519 estudantes e professores e 277 escolas. Além disso, acompanhou 281 consultas ao acervo, 5 visitas técnicas e 3 estágios de observação.

No ano de 2019, a biblioteca do MAC teve 12.444 consultas ao seu acervo, com uma frequência de 2.187 pessoas da comunidade USP e 1.984 externas, somando um total de 4.171, o maior número entre as bibliotecas aqui observadas. Isso pode indicar um bom alcance da biblioteca para além de seu público acadêmico interno, mas ainda assim, muito provavelmente, um público acadêmico, se levarmos em conta os serviços por ela oferecidos.

Se compararmos a frequência às outras áreas do museu (369.670) com a frequência à biblioteca (4.171), nota-se uma diferença expressiva. Uma análise mais detalhada dos usuários e temas pesquisados poderá esclarecer melhor se o público real corresponde ao público potencial, especificamente pesquisadores, docentes e alunos vinculados à arte contemporânea.

Vale ressaltar que em 2019 o MAC ofereceu aulas para alunos USP, promoveu, cursos de extensão, exposições, estágios, além das atividades educativas voltadas para estudantes da rede formal de ensino. Em contrapartida, sua biblioteca apresentou poucos serviços, apenas empréstimos (exclusivamente para alunos da universidade) e consulta ao acervo. Tal discrepância entre a quantidade e diversidade de serviços oferecidos pelo museu e por sua biblioteca pode explicar a diferença na quantidade de visitantes que cada um recebeu no referido ano.

No caso do MAE, a parte da comunicação museológica é a menos robusta, já que limitada por problemas de espaço físico. Em seu projeto acadêmico - o plano museológico está em desenvolvimento - há um sucinto diagnóstico, no qual se pontua tal fragilidade.

É no aspecto da comunicação, entretanto, que o MAE encontra, hoje, considerável fragilidade – lembrando que esta é uma função fundamental de uma instituição museológica. Neste momento, o MAE não tem exposição de longa duração e dispõe, hoje, de um espaço expositivo exíguo e inadequado – quando se considera as dimensões da instituição, o tamanho de seu acervo e seu potencial de

comunicação científica e cultural. Apesar de contar com uma estrutura curatorial robusta e da grande capacidade museológica e educativa, bem como um corpo técnico qualificado, a falta de um espaço expositivo adequado faz com que o MAE tenha visibilidade muito reduzida, acanhada, com projeção social mínima, limitando enormemente seu alcance e impedindo que este museu concretize seu enorme potencial de impacto social, educativo e cultural. (MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA, 2018, p. 6)

Essa visibilidade reduzida faz com que o museu inevitavelmente reflita o desequilíbrio entre as esferas museológica e acadêmica, tendo um comportamento diferente dos outros museus quanto ao seu público visitante.

O MAE é o único cujo número de visitantes em 2019 foi maior na biblioteca (3.243) que no museu (2.120). A falta de uma melhor estrutura física para a expografia, por exemplo, conta muito para que esse tipo de situação aconteça. No entanto, é importante considerar também que o potencial de atendimento do acervo da biblioteca do MAE a públicos externos pode ser mais amplo que o das demais bibliotecas cotejadas, uma vez que o museu atua em área interdisciplinar com perspectivas de diálogo com outras unidades de ensino e pesquisa, o que corrobora para justificar essa procura maior por seu acervo bibliográfico.

Interessante também denotar que o MAE é o museu dentre os quatro aqui estudados que mais ofereceu disciplinas para graduação em 2019 (15) e que teve mais alunos matriculados em seu programa de pós-graduação no referido ano (135), além dos alunos do PPGMus (102), cujo acervo bibliográfico está centralizado na biblioteca do MAE. Esses fatores podem justificar a frequência à biblioteca ter sido maior que a frequência ao museu, uma vez que muitos alunos matriculados no programa de pós-graduação e outros tantos que frequentam as disciplinas oferecidas resultam em maior demanda pelos serviços da biblioteca.

Apesar da falta de infraestrutura adequada, o MAE realizou muitos serviços para a comunidade em geral. Para demonstrar em números, somente em 2019 o Educativo do MAE atendeu 138 escolas e 6.935 professores e estudantes, além de ter oferecido 7 cursos de extensão, entre difusão e atualização, supervisionado 17 estágios de observação - o maior número de estágios entre os museus no mesmo período - e realizado 3 exposições. Soma-se a isso, o número elevado de visitas técnicas (700),

muito provavelmente realizadas em sua reserva técnica visitável, o que justificaria a discrepância entre o número de visitas técnicas realizadas pelo MAE e os demais museus, visto que o MAE é o único que oferece esse tipo de serviço.

A biblioteca, por sua vez, ofereceu seus serviços de empréstimo domiciliar para comunidade USP, comutação bibliográfica e treinamentos para uso das bases de dados assinadas pela Universidade. Assim, é possível deduzir que boa parte de seus usuários decorram das atividades acadêmicas - ensino e pesquisa - que o museu oferece, e não por uma demanda criada pela própria biblioteca. Além disso, da mesma forma que o deduzido no caso da biblioteca MAC, seu público não deve coincidir com o público das atividades do educativo e da expografia, uma vez que não estão no rol de usuários pretendidos pelos serviços ofertados.

No caso do Museu Paulista, em seu plano museológico, algumas problemáticas são expostas, como é o caso da defasagem de docentes para o cumprimento das atividades fundamentais do processo curatorial. Entre 1989 e 2018, o MP perdeu 10 docentes, entre aposentadorias e pedidos de demissão, e teve o preenchimento somente de 3 dessas vagas.

Assim, hoje, o museu possui seis docentes, sendo apenas um deles professor titular. Há, desde 2019, a concessão de duas vagas para docentes, mas ainda não foram preenchidas por questões legais, devendo ser solucionadas no começo de 2022.

Tal defasagem no quadro docente implica diretamente na atuação museológica do MP, principalmente no que tange a pesquisa sobre o acervo, uma vez que são os docentes que organizam e encabeçam as atividades da instituição.

O docente – que é o líder do processo curatorial em museus universitários, – articula essas atividades, desdobrando-se tanto na coordenação das atividades específicas de responsabilidade dos técnicos especializados, quanto na execução de suas próprias responsabilidades científicas: estabelecimento de critérios de ampliação de acervo; elaboração de laudos de autenticidade e avaliação; liderança de processos de pesquisa, curadoria de exposições e demais produtos de difusão a ela associados. Além das ações de curadoria voltadas ao acervo e às coleções, os docentes lideram pesquisas concernentes à política cultural museológica e patrimonial, reflexão sobre o papel da cultura material nas sociedades em perspectiva histórica (englobando metodologias e teorias a ela

concernentes), segundo as três linhas de pesquisa institucionais apresentadas. (MUSEU PAULISTA, 2019. p. 24)

Ainda que com poucos docentes e passando por uma longa reforma em seu edifício monumento - Museu do Ipiranga - o MP conseguiu realizar um número considerável de exposições em 2019, bem como atividades educativas, se comparado aos outros museus que estavam sem os mesmos obstáculos.

É interessante notar que tanto o MAC quanto o MP são os museus com menor número de docentes, menor número de orientandos mas com maior número de exposições realizadas, o que torna possível estabelecer um paralelo entre os dois. Ambos possuem o menor contingente para o oferecimento de disciplinas e orientação de pesquisas, atividades essas unicamente realizáveis por docentes, mas um maior quadro funcional, o que sustenta muito atividades como as exposições, que precisam de um docente responsável mas que são executadas por várias mãos, como o corpo técnico especializado e os orientandos e estagiários.

Assim, em 2019, o MP realizou 12 exposições, sendo, portanto, o que mais realizou exposições dentre os quatro museus. Ofereceu 2 cursos de extensão, 2 disciplinas para graduação, 10 estágios de observação e 85 visitas técnicas. Todas essas atividades atraíram um total de 52.083 visitantes.

A biblioteca do MP, por sua vez, recebeu no mesmo período apenas 654 visitantes, entre público USP (168) e público externo (486). Tal número pode ser explicado pela baixa oferta de atividades de ensino e pesquisa pela unidade - disciplinas e orientação de pesquisa - e pelo fato de a biblioteca estar atualmente localizada em prédio provisório, separado do prédio principal da instituição, dificultando seu acesso por parte de quem participa das atividades do museu.

Soma-se a isso, o fato de a biblioteca apenas fornecer serviço de empréstimo domiciliar e somente para a comunidade USP, além de atualmente não contar com bibliotecário e sim apenas com um funcionário técnico administrativo, o que pode estar impossibilitando que a biblioteca realize atividades para além dessas e que exigem a presença de um bibliotecário.

Já o Museu de Zoologia, infelizmente, não possui plano museológico ou acadêmico que possa fornecer algum diagnóstico da instituição que auxilie nesta análise. Um diagnóstico ou mesmo um plano de metas atual ajudaria muito a entender a situação do museu, pois traria à tona elementos que somente a própria instituição pode fornecer, já que exige uma visão interna da sua dinâmica, dos seus números diante de suas metas e dos obstáculos encontrados no dia a dia por sua equipe.

Dessa forma, a análise do MZ e de sua biblioteca ficará a cargo somente da avaliação dos números do anuário estatístico diante da sua missão, objetivos e das atividades realizadas.

O MZ apresenta fatores que favorecem, aparentemente, um equilíbrio entre a esfera a museológica e a universitária, pois, diferentemente do MAC e do MP, possui um programa de pós-graduação próprio, um número de docentes e funcionários maior que os demais museus, além de ter uma atividade expográfica e educativa expressiva.

É bom lembrar que, dos museus aqui estudados, o MZ é o único cuja sede foi construída para ser um museu, o que deve ter contribuído, pelo menos inicialmente, para o desenvolvimento da instituição no que se refere às atividades propriamente museológicas, criando uma base mais sólida para que o caráter museológico da instituição pudesse se estabelecer.

Atualmente, porém, o prédio já não comporta o acervo e o espaço expositivo não atende o potencial da instituição. Já em 2011 Landim alertava para o desafio estrutural do museu: "[...]nossas coleções invadem cada milímetro de área livre que ainda pode ser encontrada no Museu. Além disso, uma área expositiva de cerca de 500 metros quadrados não faz jus ao nosso projeto de comunicação." (LANDIM, 2011, p. 213)

Ainda que com tais problemas quanto à espaço, comparativamente aos demais museus, o MZ, em 2019, apresentou bons números quanto às atividades de curadoria e comunicação museológica, principalmente nas atividades realizadas pelo Educativo.

Tem-se, por exemplo, o número de 790 escolas visitantes - muito maior que a soma das escolas visitantes dos outros três museus -, cerca de 20.000 participantes,

entre professores e alunos, das atividades oferecidas pelo Educativo, e 98.591 visitantes do museu como um todo.

Antes de mencionarmos outros números como os relacionados às pesquisas e à biblioteca, no caso do MZ é importante mencionar que o rol de atividades que o projeto pedagógico do Educativo elabora e oferece é amplo, diversificado - como demonstrado no tópico que trata do MZ neste trabalho - e que pode estar relacionado aos números elevados de visitantes, principalmente aos do público escolar. Infelizmente, não há, nos documentos analisados, uma quantificação dessas atividades ou ao menos em que frequência elas ocorrem.

Soma-se às atividades do Educativo, o oferecimento de disciplinas para a graduação, um total de 4 no ano de 2019, 1 curso de atualização, 3 exposições, 3 visitas técnicas e 10 estágios de observação. No que se refere às pesquisas, o MZ em 2019 tinha 56 orientandos, sendo 26 de mestrado e 30 de doutorado, perdendo apenas para o MAE neste quesito.

Sua biblioteca teve em 2019 4.055 visitantes, o segundo maior número entre as bibliotecas analisadas. Entretanto, comparativamente aos visitantes do museu (98.591), o número pode ser entendido como baixo, indicando, como no caso do MAC, uma oferta de serviços por parte da biblioteca que visa somente o usuário acadêmico, sendo necessário uma análise mais aprofundada e com base em um estudo de usuários para uma compreensão acertada da situação.

Diante do exposto, pode-se tentar, - ainda que com tantas lacunas para uma análise mais aprofundada - estabelecer uma relação entre a atuação desses quatro museus e suas respectivas bibliotecas com o elencado por Almeida (2001) como sendo as funções dos museus universitários.

Antes disso, importante destacar que, o enfoque na atuação do museu é fundamental neste caso, pois determina a atuação da biblioteca, uma vez que, como já desenvolvido neste trabalho, a missão da biblioteca de uma unidade universitária é a de se adequar à missão da sua instituição.

Segundo Almeida (2001, p. 5), os museus universitários, de acordo com as peculiaridades do seu perfil, têm as seguintes funções:

- g) abrigar/formar coleções significativas para desenvolvimento de pesquisa, ensino e extensão;
- h) dar ênfase ao desenvolvimento de pesquisas a partir do acervo;
- i) manter disciplinas que valorizem as coleções e as pesquisas sobre as coleções;
- j) participar da formação de trabalhadores de museus;
- k) propor programas de extensão: cursos, exposições, atividades culturais, atividades educativas baseados nas pesquisas e no acervo;
- l) manter programas voltados para diferentes públicos: especializado, universitário, escolar, espontâneo, entre outros, dependendo da disponibilidade de coleções semelhantes na região e do interesse dos diferentes públicos. Esses programas também são frutos de pesquisas.

De fato, na análise, identificamos que todos buscam abrigar e formar acervos com vistas a apoiar atividades de pesquisa, ensino e extensão. No entanto, não foi possível verificar se as atividades realizadas se pautam nestes acervos. Um indicativo de que isso pode não ocorrer ou que os acervos são muito mais extensos do que as pesquisas e demais atividades são capazes de abarcar é o relatado no plano museológico do MP (MUSEU PAULISTA, 2019, p. 27), no qual há a referência ao fato de coleções importantes estarem até hoje sem estudo algum.

Por outro lado, é importante mencionar que os acervos das bibliotecas são conformados de acordo com vários parâmetros, incluindo doações e permutas, além do fato de que tais acervos devem ser abrangentes o bastante para cobrir a área de conhecimento e sustentar novas linhas de pesquisas. E, particularmente, no caso dos museus analisados, eles são unidades base de sustentação de programa de pós-graduação interdisciplinar e interunidades que ainda se encontra em fase de consolidação e almejando expansão para o doutorado. Nesse sentido, é necessário uma pesquisa mais aprofundada para entender o potencial desses acervos para sustentação de novas linhas de pesquisa.

Complementarmente, como o processo curatorial, a cargo de um docente, envolve, desde a política de aquisição, tratamento, pesquisa até a extroversão, a falta de docentes pode ser uma das causas para o fato de terem acervos não trabalhados.

Quanto às disciplinas, não há elementos suficientes para afirmarmos que a maioria das disciplinas de fato se desenvolve com base nos acervos. Um exemplo de disciplina que se utiliza de coleções é a MUP0002 - Fotografias em Acervos Museológicos Históricos - cuja ementa está disponível no Sistema Júpiter da USP e que é oferecida pelo MP.

Na descrição do programa da disciplina há a seguinte informação:

Para articular as questões expostas ao longo do curso, núcleos documentais disponíveis no Museu Paulista serão mobilizados para que os alunos possam ter um ensaio concreto dos problemas envolvidos na curadoria. (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2022a)

Ou ainda a disciplina MAK0132 - Arte do Século XX no Acervo do MAC, que determina em seu programa o seguinte:

História da arte moderna e da arte contemporânea a partir do acervo do Museu de Arte Contemporânea. Historiografia da arte moderna e da arte contemporânea e suas acepções. As correntes vanguardistas na primeira metade do século XX, com ênfase na produção italiana e na Escola de Paris. Arte conceitual no acervo do MAC. (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2022b)

No que diz respeito à formação de trabalhadores de museus, pode-se considerar o PPGMus uma iniciativa nesse sentido. Além do PPGMus, não foi possível identificar explicitamente cursos ou oficinas destinados a esse tipo de profissional.

Quanto aos programas de extensão, foi possível observar que há uma iniciativa de realizar atividades diversas, para públicos variados e, com base na ideia de processo curatorial, ou seja, no caminho que envolve todas as etapas do acervo, desde sua incorporação até a extroversão, deduz-se que tais atividades de extensão façam parte desse processo e, portanto, envolvem o acervo.

Nesse sentido, os quatro museus aqui analisados satisfazem em alguma medida as funções dos museus universitários de acordo com Almeida (2001), entretanto, devido

às dificuldades apontadas em alguns documentos e aos números expressos no anuário estatístico, a potencialidade dos museus e seus acervos é que parece não estar sendo totalmente aproveitada.

As bibliotecas, diante do que os museus se propõem a realizar, e com base no que foi encontrado nos documentos analisados, apontam a dissociação de atuação mais efetiva que se caracterize diretamente com a realização da diversidade de funções dos museus universitários.

Ao analisarmos somente as atividades das bibliotecas dos museus universitários da USP, nenhuma apresenta atividades ou serviços decorrentes das especificidades dos museus aos quais fazem parte. Todos os seus serviços podem ser avaliados como similares aos serviços prestados pelas demais bibliotecas da Universidade.

A falta de estudos de usuários, tanto das bibliotecas quanto dos outros setores do museu, dificulta traçar o perfil dos atuais usuários das bibliotecas, bem como dos potenciais usuários. Entretanto, diante dos números de visitantes já mencionados, há um contingente expressivo de pessoas que circulam nos museus, mas que não passam pelas bibliotecas, o que pode ser indicativo de uma atuação tradicional de tais bibliotecas, muito mais como bibliotecas universitárias focadas no atendimento passivo à demanda por consultas, mas não pró-ativa no sentido de desenvolver atividades visando conhecer melhor a demanda por informação, em diferentes formatos e não apenas às bibliográficas, dos potenciais usuários e frequentadores de tais museus, bem como o desenvolvimento de um projeto voltado para a ressignificação desses espaços no contexto de museus universitários.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Se as bibliotecas universitárias são importantes suportes para a realização das funções da universidade, se a elas cabe a atualização permanente diante de cada nova demanda e adaptações constantes para melhor servir à comunidade na qual está inserida,

como entender a biblioteca de museu universitário que, além da submissão à missão da universidade, encontra entre esta e a sua própria missão, a missão do museu no qual se encontra, sendo esta repleta de especificidades que fogem ao padrão das demais unidades universitárias?

Foi buscando entender esse dispositivo complexo que se fez necessário traçar um panorama dos museus, de modo a compreender a trajetória quanto à consolidação da sua cultura de gestão e o seu desenvolvimento técnico e teórico. O estudo desses processos, embasados em questões históricas, sociais e epistemológicas, sustentou o entendimento do que é um museu hoje, suas particularidades e seus desafios no contexto universitário.

Partir de tal entendimento foi crucial para seguir com a pesquisa, uma vez que compreendemos o perfil de uma biblioteca como inter relacionada ao contexto em que ela está inserida. Assim, somente compreendendo as especificidades de um museu universitário seria possível entender o papel e funções de sua biblioteca.

Essa é uma visão sistêmica, pautada na concepção de que tanto museu quanto biblioteca é um organismo integrado, cujo propósito transpõe as barreiras setoriais e de categorização de acervos, e ambas possuem características funcionais que, conforme apontado no referencial teórico por Marques (2010) se aproximam de um sistema de informação, embora os museus tenham necessidades próprias e específicas de uma instituição que gere bens culturais e que não podem ser negligenciadas.

Ainda, conforme o autor com o qual concordamos, essa visão centrada na informação e em seu usuário, quando aplicada a um museu, implica no estabelecimento de parcerias, em colaborações entre o arquivo do museu, a biblioteca do museu, a curadoria e o serviço educativo, fazendo com que a atuação do museu seja assim mais abrangente e de maior qualidade. Isso não significa excluir as diferenças entre cada um desses setores, mas sim que ao se ter em vista uma concepção sistêmica da instituição, as especificidades são analisadas sempre de modo a contribuir com o funcionamento do todo.

Nesse sentido, resgatamos a perspectiva de análise de Cristina Bruno (2011) ao afirmar que os museus possibilitam e potencializam os trabalhos coletivos, interdisciplinares e multiprofissionais, e que o processo curatorial evidencia a necessidade de diálogo institucional e de reciprocidade entre os diferentes profissionais que atuam nesses espaços culturais, de modo a estabelecer melhor interlocução com a própria sociedade civil. .

Esse caráter integrado dos museus fomenta ainda mais o argumento de que as bibliotecas devem responder ao seu contexto, tendo, portanto, também uma postura integrativa. Pensando especificamente no caso da USP, é bastante importante salientar que esse processo de desenvolvimento sistêmico é dificultado por algumas razões, sendo uma delas o fato de que, mesmo depois de uma trajetória de luta, os museus ainda são tratados como unidades acadêmicas, sem qualquer necessidade específica, como apontado anteriormente por Almeida (2001) ao observar que a USP ainda não conferiu aos museus o mesmo status de outras unidades de ensino e pesquisa, tanto do ponto de vista estrutural, quanto gerencial.

A outra razão que age como empecilho para uma ação integrada é o papel da AGUIA-USP, nesse caso, agindo especificamente na atuação das bibliotecas de museus, já que, na mesma medida em que a administração central da Universidade enxerga os museus como equivalentes às demais unidades, a AGUIA enxerga as bibliotecas de museus iguais às outras do conjunto.

A atuação homogeneizadora da AGUIA-USP ocorre desde sua implantação, à época ainda como SIBi, quando aplicou um processo de descaracterização das bibliotecas existentes de modo a desconsiderar o perfil próprio de cada um dos acervos e de cada comunidade direta de usuários.

Assim, as políticas que passaram a orientar a gestão desse conjunto de bibliotecas visavam apenas os elementos comuns, tendendo a estabelecer como padrão o comportamento de unidade. Por mais que cada biblioteca tenha uma certa autonomia para elaborar políticas e serviços, se não há uma estrutura apropriada para se adaptar às peculiaridades, fica muito mais difícil aplicar mudanças necessárias.

Por fim, vale dizer que a tarefa de se afirmar dentro da universidade como museu encontra obstáculos significativos quando levamos em conta os indicadores mais valorizados na avaliação institucional e no pleito por financiamento de agências de fomento. No caso da USP, nas últimas décadas, as atividades de pesquisa e ensino têm sido muito mais reconhecidas que as de extensão, essas que marcam fortemente o caráter museológico.

Devido a todo desenrolar positivo que uma boa avaliação institucional e de carreira docente pode levar, bem como a necessidade de verba oriunda de agências públicas de financiamento à pesquisa, acaba ocorrendo uma predileção por atividade de ensino e pesquisa, relegando a segundo plano a parte de comunicação e educação dentro dos museus.

Diante disso, se os museus não são estimulados a atuarem como museus, suas bibliotecas seguirão o mesmo caminho, ficando a cargo de ações isoladas agirem de forma oposta.

## **8 LIMITAÇÕES DA PESQUISA E PERSPECTIVAS FUTURAS**

A pandemia, iniciada no primeiro semestre de 2020, foi o principal fator a impor limitações a esta pesquisa, impedindo o estudo de campo, etapa fundamental para a coleta de dados relativos à estrutura física, gestão de recursos e quadro funcional a partir da observação direta.

Com a impossibilidade das visitas, bem como de acesso aos acervos das bibliotecas para compor o repertório teórico, foi necessário mudanças e redirecionamentos no recorte e na metodologia do estudo, de modo que tivemos que nos restringir à análise dos dados disponibilizados em documentos online e sites oficiais, e a revisão de literatura também se pautou no que foi possível localizar nas bases de dados digitais.

Dessa limitação decorreu o déficit no diagnóstico das instituições e, por conseguinte, na análise de suas atuações. O anuário estatístico, por mais que ofereça números importantes sobre os museus e suas bibliotecas, não nos oferece parâmetros estabelecidos em situações circunstanciadas que possam refletir o que se poderia ter em face do que se tem. Portanto, uma avaliação institucional pormenorizada, pautada na observação e no diálogo com as equipes seria imprescindível para uma análise mais bem alicerçada.

Outro elemento que se apresenta como uma limitação desta pesquisa é o fato de os museus analisados serem uma exceção no cenário brasileiro no que diz respeito à autonomia e orçamento e, portanto, geram uma série de variáveis na tentativa de traçar um perfil único para as bibliotecas de museus universitários.

Apesar das limitações supracitadas, esta pesquisa oferece algumas bases para se repensar a biblioteca de museu universitário como um tipo específico de biblioteca, cujo perfil apresenta peculiaridades importantes e expressivas o suficiente para destacá-la da definição de biblioteca universitária. Sendo assim, fomenta novas pesquisas que busquem se aprofundar no entendimento desse dispositivo, suas atuais problemáticas e seus possíveis caminhos de atuação.

## REFERÊNCIAS<sup>15</sup>

ALMEIDA, A. M. **Museus e coleções universitárias**: por que museus de arte na Universidade de São Paulo. Tese de doutoramento apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

ARAÚJO, C. A. A. Museologia e Ciência da Informação: diálogos possíveis. **Museologia & interdisciplinaridade** v.2, n. 4, maio/jun. 2013. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/viewFile/9624/7103>. Acesso em: 5 fev. 2020.

ARAÚJO, C. A. A. **Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação**: o diálogo possível. Brasília, DF: Brinquet Lemos, 2014.

BRANDÃO, C. R. F.; COSTA, C. Uma crônica da integração dos museus estatutários à USP . **Anais do Museu Paulista**: História e Cultura Material, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 207-217, 2007. DOI: 10.1590/S0101-47142007000100005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5458>. Acesso em: 2 dez. 2021.

BRASIL. **Lei Federal Nº 9394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 2 fev. 2022.

BRUNO, M. C. O. Os museus servem para transgredir: um ponto de vista sobre a museologia paulista. In.: **Museus: o que são, para que servem?** Sistema Estadual de Museus - SISEM SP (Organizador). Brodowski: ACAM Portinari ; Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. São Paulo, 2011. (Coleção Museu Aberto).

BRUNO, M. C. O. A indissolubilidade da pesquisa, ensino e extensão nos museus universitários. In: **Cadernos de Sociomuseologia**, [S.l.], v. 10, n. 10, junho 2009.

CAMARGO, M. J. A trajetória dos museus na Universidade de São Paulo In: **Cadernos do Patrimônio da Ciência e Tecnologia**: instituições, trajetórias e valores.1 ed.Rio de Janeiro : Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2017, v. 1, p. 83-109.

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. **Conceitos-chave de Museologia**. Tradução: Bruno Brulon Soares, Marília Xavier Cury. São Paulo: ICOM, 2013.

FERNANDES, A. V. C. Um panorama dos museus universitários mais visitados no Brasil, entre 2014 e 2018. **Revista CPC**, v. 15, n. 30 esp., p. 15-33, 2020. DOI: 10.11606/issn.1980-4466.v15i30esp15-33. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/171128>. Acesso em: 12 out. 2021.

FERREIRA, L.S. **Bibliotecas universitárias brasileiras**. São Paulo: Pioneira/INL, 1980.

---

<sup>15</sup> De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT NBR 6023)

FLEMING, M. I. A.; FLORENZANO, M. B. B.. Trajetória e perspectivas do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (1964-2011). *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 25, n. 73, p. 217-228, 2011. DOI: 10.1590/s0103-40142011000300024.

GUIMARÃES, T. B. N.; LOURENÇO, M. F.; SILVA, M. C. B. **Ações Educativas na Zooteca**: um novo serviço na biblioteca do Museu de Zoologia da USP. 2008. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/af1579e6-3094-4750-b3bd-b36673ff9e04/1711826.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2022.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS (2009). **Código de Ética para Museus**. Disponível em: [https://www.mp.usp.br/sites/default/files/arquivosanexos/codigo\\_de\\_etica\\_do\\_icom.pdf](https://www.mp.usp.br/sites/default/files/arquivosanexos/codigo_de_etica_do_icom.pdf). Acesso em 10 jan. 2022.

LANDIM, M.I. Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo: adaptação aos novos tempos. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 25, n. 73, 2011.

MACEDO, N. D., DIAS, M. M. K. Subsídios para a caracterização da biblioteca universitária. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 25, n.3/4, p. 40-47, jul./dez. 1992.

MACHADO, A.M.A. Cultura, ciência e política: olhares sobre a história da criação dos museus no Brasil. In: FIGUEIREDO, B. G.; VIDAL, D. G. (Org.). **Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna**. Brasília: Argumentum, 2005.

MARQUES, I. C. O museu como sistema de informação. Porto, 2010. 170 f. **Dissertação** (Mestrado em Museologia). Universidade do Porto. Faculdade de Letras.

MENDONÇA, L. G. **Museus universitários e modernidade líquida**: compromissos, desafios e tendências (um estudo sob a perspectiva da Teoria Ator-Rede, Brasil e Portugal). Tese (Doutorado em Museologia) – Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Porto, 2017.

MENESES, U. T. B. Museu e universidade: a especificidade do museu. *Revista Dédalo*, São Paulo, n. 8, 1968.

MENESES, U. T. B. de. **Plano Diretor do Museu Paulista da USP (1990-1995)**. São Paulo, 1990.

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA. **Plano acadêmico (2018-2022)**. São Paulo, 2018.

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA. **Plano museológico do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo**. São Paulo, 2018.

MUSEU PAULISTA. **Plano museológico**. São Paulo, 2019.

MUSEU PAULISTA. **Biblioteca do Museu do Ipiranga**. São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://www.mp.usp.br/museu-do-ipuranga/biblioteca>>. Acesso em: 2 fev. 2022.

MUSEU DE ZOOLOGIA. **Programa Pedagógico do Museu de Zoologia da USP**: seção de atividades educativas. São Paulo, 2019.

NASCIMENTO JR, J.; TRAMPE, A.; SANTOS, P. A. (Orgs.). **Mesa redonda sobre la importancia y el desarrollo de los museos en el mundo contemporáneo**: Mesa Redonda de Santiago de Chile, 1972. Brasília: Ibram/MinC; Programa Iberoamericanos, v.1, 2012.

NASCIMENTO, Rosana. A instituição museu: a historicidade de sua dimensão pedagógica a partir de uma visão crítica da instituição. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 11, n. 11, 1998.

NUNES, M. S. C.; CARVALHO, K. As bibliotecas universitárias em perspectiva histórica: a caminho do desenvolvimento durável. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, 2016, v. 21, n. 1, p. 173-193.

PASQUARELLI, M. L. R.; KRZYZANOWSKI, R. F.; IMPERATRIZ, I. M. de M. Sistema integrado de bibliotecas da Universidade de São Paulo: implantação e desenvolvimento. **Ciência da Informação**, v. 17, n. 1, 1988. DOI: 10.18225/ci.inf.v17i1.299. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/299>. Acesso em: 2 fev. 2022.

POSSAS, H. C. G. Classificar e ordenar: os gabinetes de curiosidades e a história natural. In: FIGUEIREDO, B. G.; VIDAL, D. G. (Org.). **Museus**: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna. Brasília: Argumentum, p. 151-162, 2005.

REIS, S.; WITOVISK, L.; TARGINO, M.; BRITTO, M.; SANTOS, F. P. O descompasso entre a estrutura acadêmica e a estrutura museal em museus universitários: o caso do Museu Nacional (UFRJ). **Revista CPC**, [S. l.], v. 15, n. 30 esp., p. 62-90, 2020. DOI: 10.11606/issn.1980-4466.v15i30esp62-90. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/172961>. Acesso em: 12 out. 2021.

SANTOS, A. P. L.; RODRIGUES, M. E. F. Biblioteconomia: gênese, história e fundamentos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v. 9, n. 2, p. 116-131, jun./dez. 2013. ISSN 1980-6949. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/248/264>. Acesso em: 02 fev.2022.

SANTOS, J. M. O processo evolutivo das Bibliotecas da Antiguidade ao Renascimento. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 175-189, jul./dez. 2012. ISSN 1980-6949. Disponível em: <<https://febab.emnuvens.com.br/rbbd/article/view/237>>. Acesso em: 12 out. 2021.

SCHWARCZ, L.K.M. A “era dos museus de etnografia” no Brasil: o Museu Paulista, o Museu Nacional e o Museu Paraense em finais do XIX. In: FIGUEIREDO, B. G.; VIDAL, D. G. (Org.). **Museus**: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna. Brasília: Argumentum, 2005.

SILVA, M. A. da. Formação de novas gerações nos museus universitários: o papel do educativo do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. **Revista CPC**, [S. l.], v. 15, n. 30 esp., p. 294-320, 2020. DOI: 10.11606/issn.1980-4466.v15i30espp294-320. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/172919>. Acesso em: 2 fev. 2022.

SMIT, J.W. Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia: o que agrega estas atividades profissionais e o que as separa? **Revista brasileira de biblioteconomia e documentação**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 27-36, 2000.

SMIT, J.W., BARRETO, A. de A. Ciência da informação: base conceitual para a formação do profissional. In: VALENTIN, M.L. (Org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Anuário estatístico USP 2020. São Paulo: Superintendência de Tecnologia da Informação/USP, 2020. Disponível em: [https://uspdigital.usp.br/anuario/br/acervo/AnuarioUSP\\_2020.pdf](https://uspdigital.usp.br/anuario/br/acervo/AnuarioUSP_2020.pdf). Acesso em: 2 fev. 2022.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Resolução Nº 5900, de 23 de dezembro de 2010. Altera dispositivos do Estatuto da Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.leginf.usp.br/?resolucao=resolucao-no-5900-de-23-de-dezembro-de-2010>. Acesso em: 2 fev. 2022.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Ementa da disciplina “Arte no século XX no acervo do MAC”. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/obterDisciplina?sgldis=MAK0132&verdis=3>. Acesso em: 2 fev. 2022.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Ementa da disciplina “Fotografias em acervos museológicos históricos”. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/obterDisciplina?sgldis=MUP0002&verdis=3>. Acesso em: 2 fev. 2022.

VASCONCELLOS, Camilo de Mello. A função educativa de um Museu Universitário e Antropológico: o caso do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. **Cadernos do CEOM / Centro de Organização da Memória do Oeste de Santa Catarina**, Chapecó, n. 21, 2005.